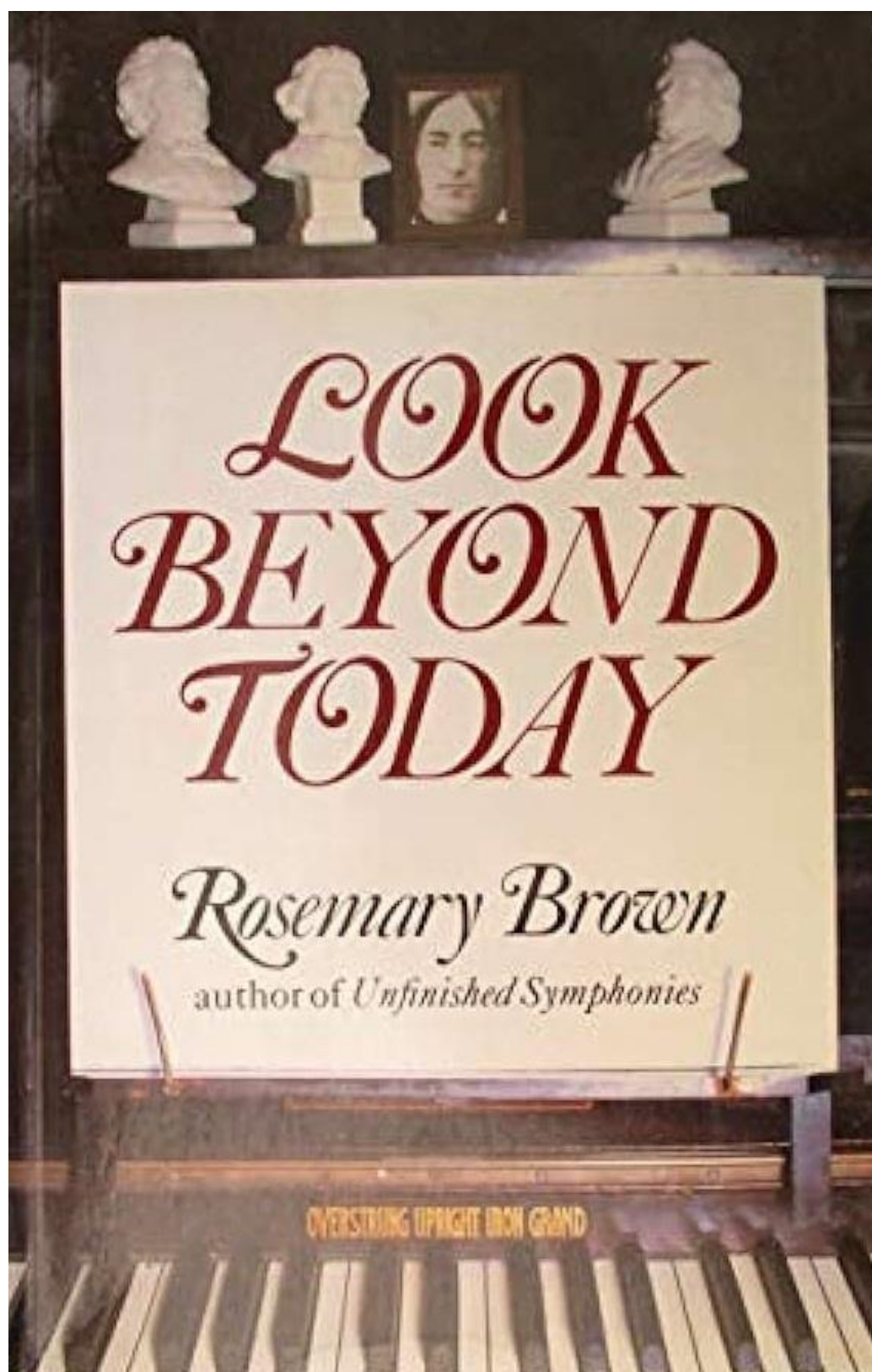
OLHANDO PARA O FUTURO

ROSEMARY BROWN

Traduzido por Amadeu Duarte

A INTELIGÊNCIA APÓS A MORTE (excerto)

BERTRAND RUSSEL

"Após expirar o último folgo no meu corpo mortal dei por mim num tipo qualquer de extensão da existência que não apresentava paralelo, tanto quanto conseguia estimar, nas dimensões materiais. Que tinha recentemente experimentado. Observei que ocupava um corpo que apresentava similitudes predominantes com o físico que eu tinha abandonado para sempre; mas esse novo corpo em que agora eu residia era virtualmente sem peso e muito volátil, e capaz de se mover em qualquer direcção ao menor esforço. Comecei a pensar que sonhava e que em breve acordaria para aquele velho mundo, de que me tinha cansado um tanto, para dar por mim aprisionado uma vez mais nessa forma sujeita a envelhecimento que encerrava um cérebro que também tinha ficado cansado e que nem sempre queria pensar quando eu queria que ele pensasse.

"Por diversas vezes na minha vida chegara a pensar que ia morrer e tinha-me conformado à melhor das vontades que conseguia reunir para deixar de existir. A Ideia de Bertrand Russel não mais a habitar o mundo não me incomodava indevidamente. Sentia que o mundo já tinha quanto bastava de mim, e certamente que eu tinha tido quanto bastava do mundo. De modo condizente penei em dar ao 'rapaz' (A mim próprio) um enterro decente e em deixá-lo ir à vida. Agora aqui estava eu, ainda o mesmo que era, com a capacidade de pensar e de observar apuradas a um grau incrível. Senti que a vida terrena subitamente parecia muito irreal quase como se nunca tivesse acontecido. Levou-me um tempo considerável a compreender aquele sentimento até perceber por fim que a matéria é decerto ilusória, embora na realidade tenha existência; o mundo material agora não parecia nada mais do que um mar fervente, inquieto e em mudança dotado de um volume e de uma densidade indetermináveis. Como pudera ter pensado que isso fosse a realidade e a última palavra da Criação da Humanidade?

"No entanto é completamente compreensível que esse estado em que o homem tem a existência, embora temporâneo, constitui a realidade passageira que deixa de ser uma realidade quando passa."

O primeiro contacto que tive com Bertrand Russel sucedeu como uma completa surpresa para mim. Porque deveria um homem de sublime intelecto querer comunicar comigo? Bem, evidentemente ele provavelmente não quereria comunicar comigo em absoluto, mas via-me como um possível canal de comunicação com o mundo. Indiquei-lhe (desnecessariamente, sem dúvida) que se eu passasse o que ele transmitia, não haveria garantia de que isso fosse aceite como mensagens idóneas da sua parte. Mas ele respondeu:

"A influência que tive no pensar das massas foi insignificante, mas um estranho capricho na natureza humana leva mais certamente certas pessoas a prestar uma maior atenção às mensagens dos supostos seres desencarnados do que alguns provenientes da boca e da caneta dos mortais. Daí que tenha a esperança de que os meus enunciados desencarnados sejam pelo menos uma fonte de diversão entre aqueles que promovem uma atitude de maior respeito dos mortos do que dos vivos."

Quando ele disse isso, suspeitei que ele estava a proceder a um astuto estudo quanto ao tipo de pessoa que fica de boca aberta com cada palavra proferida pelo Mundo Seguinte, como se fosse uma revelação formidável oriunda do alto. Não que eu excluísse a possibilidade de grandes revelações do Além, mas eu sabia bem - e os investigadores sérios sabem - que uma enorme quantidade de banalidades emergem do contacto com o comunicante médio do pós morte. Ao mesmo tempo, precisamos recordar que essas mesmas banalidades são a carne e o vinho da nossa conversa social de todos os dias, e não vejo porquê deveríamos surpreender-nos quando aqueles que tiverem passado continuam a mostrar indulgência nessa prática habitual. Suponham que conheciam um homem que vivia na rua do lado, e que o principal interesse que tinha na vida fossem as partidas de futebol e uma caneca de cerveja; se ele "morresse" e tivesse a chance de comunicar convosco, esperariam que ele jorrasse uma corrente de pia eloquência? Não se sentiriam tentados a duvidar da sua identidade por ser quem era e agir e falar na sua maneira usual reconhecida?

"Um exame superficial dos factos raramente revelam a verdade. Há aqueles cuja consideração sumária que fazem de um assunto controverso repudia a opinião que têm como frívola e imatura."

O que quereria Bertrand Russel dizer com aquilo, fiquei eu a imaginar. Mas ele explicou em termos mais simples que conseguia apreciar agora, a partir do ponto de percepção alargada que tinha da mente das pessoas em que se encontrava, que a maioria de nós não damos uma opinião realmente considerada em muitas questões.

"Eu não percebi quanta gente há que não está disposta a considerar todas as possibilidades com relação aos aspectos hipotéticos da religião. Existem tantas possibilidades que pretendem excluir sem reflectirem ou permitirem que outros lhes dê qualquer atenção. Não estamos mais na Idade Média em que um homem não podia questionar a existência de Deus ou o que quer que fosse relativo a Ele excepto a dor da morte. Devemos deixar que se faça luz, e perceber que se Deus existe e constitui um ser razoável Ele preferirá qualquer pensador sinceramente duvidoso a qualquer cretino crédulo."

Achei o termo "cretino crédulo" demasiado abrangente, e disse-o. Pela primeira vez nas conversas que tinha comigo, ele mostrou-me alguma irritação.

"Se vai assumir a função de editar tudo o que eu disser, eu direi coisas ainda mais ultrajantes e insistirei que não as expurgue."

Eu sentia-me um tanto divertida, dado que achava ter o a faca e o queijo na mão e que podia optar por omitir qualquer porção dessas observações sempre que quisesse. Por outro lado, esforço-me por ser um repórter fiel e não cumpriria com a minha missão se começasse a apagar todas as passagens que decidisse deixar de fora. Continuarei, pois, a citá-lo literalmente como na perspectiva seguinte que ele apresentou do carácter humano.

"A avaliação do valor de todo homem assenta não só no são juízo daqueles que se sentam a julgar mas também numa penetração profunda nos atributos ocultos e tortuosos labirintos desses processos mentais. Nenhum ser humano é tão simples na função psicológica conforme deveria ter sido interpretado há um século ou dois. Raramente uma suposição directa merece com justiça ser alvo da confiança que refira a atitude composta do homem; invariavelmente o motivo acha-se misturado com subcorrentes variadas e subtis nos próprios interesses do indivíduo que ergueriam uma perspectiva cínica que não considerarmos o motivo principal como o verdadeiro indiciador do carácter.

"A mente humana trabalha muito com base no princípio da computorização caso se veja dotada de uma inteligência salutar e se se vir provida de um conhecimento adequado; ela pesará todos os aspectos programados para o seu prognóstico desse modo tomando no seu passo tanto os cenários (foros) altruístas como os pessoais. A decisão final em qualquer assunto poderá ser uma questão clara e é muita vez atingido de forma prematura antes que o computador inerente da mente tenha permissão para assimilar todos os factos conhecidos e complete a sua estimativa. O segredo da actividade eficiente da mente assenta numa completa e efectiva programação; mas com que frequência poderemos ter a certeza de que a programação que fazemos seja absoluta e exacta, imparcial de falsa propaganda oriunda do mundo externo e das influências de distorção provenientes do nosso íntimo?

"Poderemos alguma vez ser cem por cento dogmáticos em qualquer das opiniões que formulamos sem arriscarmos o fiasco de uma data qualquer futura em que uma maior percepção de nós próprios e do mundo em que vivemos venha a nós por algum acidente ou desígnio? Vivemos num mundo de valores cambiantes que a maior parte das pessoas distorce para ajustar aos seus próprios propósitos, raramente procurando a verdade por si só. Como poderemos, pois, encontrar uma esperança certa e segura para qualquer fundação lógica em que nos mantenhamos firmes procuremos uma causa inesperada de reversão de perspectiva?"

Ele fala nesta passagem como se ainda se encontrasse no nosso mundo, porventura adoptando ainda um grande interesse na evolução da mente humana que fosse como

permanece entre nós. Numa outra conversa que teve comigo, pareceu evidente que ele tinha alterado algumas das suas conclusões desde a transição que fizera para o espírito. Aqui está:

"O cientista não pode ser censurado se o seu estudo e pesquisa por vezes o tiverem conduzido a conclusões erradas que descobertas posteriores o tenham levado a recuar. Esses cientistas e filósofos que têm a coragem e a sinceridade de admitir os erros dos seus conceitos merecem o nosso respeito e demonstram que são discípulos que discernem a verdade que estão dispostos a seguir independentemente do acúmulo crescente contradizer alguns dos seus próprios padrões de crença das deduções prévias.

"O hábito de praticar uma maior latitude nas nossas atitudes mesmo quando parecem ser suportadas por princípios e leis irrefutáveis contribuirão muito para uma recuperação mais rápida de uma posição que se tenha tornado indefensável após o surgimento de informação nova que desatualize aquela que já tiver sido reunida.

"Um exame do processo do pensamento evolucionário revelará que possui um ímpeto direccional como uma mola de relógio que tenha sido libertada da sua tensão e estenda os seus anéis concêntricos, libertando-se de ser equipada para o tempo. O cérebro primitivo pode lidar somente com o momento presente do tempo; um cérebro mais sofisticado é capaz de rever o passado e de prever o futuro. Até no mundo da matéria é possível transcender o tempo pelo pensamento e pelo facto efectivo a um grau diferenciado afastando-nos por viagens rápidas do tempo provinciano. O tempo e o local acham-se inextricavelmente interligados a tal ponto que se começa a conceber que esse tempo é um local em vez de um processo."

Numa outra ocasião, ele dirigiu-me o seguinte discurso:

"Verter luz no caminho da humanidade não vai ser uma tarefa fácil, quem quer que o tente. Ideias e ideologias podem somente ser introduzidas lenta mente se fazer isso ainda estiver limitado à comunicação pessoal por entre milhões que permanecem até ao presente num semi analfabetismo ou num analfabetismo total. As facilidades de rádio, televisão, e das rotativas podem abundar no Hemisfério Ocidental, mas serão menos acessíveis a populações mais densas em comparação, e de longe mais heterogéneas; alcançar essa gente irá ser uma tarefa longa e difícil, em especial quando elas já tiverem sido doutrinadas em políticas insulares e medidas dictatoriais.

"Por todo o mundo, muitos são os que se convencem, senão aos demais, de que a sua linha de raciocínio é superior e melhor para a população em geral. O teste ácido do preparo da população passa pelo tubo de ensaio da experiência que se

segue para quantos se encontrem sujeitos ao processo da instrução. Será a sua experiência mais rica material ou mentalmente e serão mais salutares ou felizes por terem tido certas ideias moldadas na sua mente? Estarão a viver de forma mais construtiva e estarão a levar vidas de uma maior cooperação em resultado de terem submetido a inteligência que possam ter possuído às manipulações dos outros?

"A história tem demonstrado que muitos ditadores começam com motivos benignos totalmente destinados a ocupar a posição do salvador autonomeado do seu povo, somente para caírem vítimas de um sentido sobre desenvolvido de poder e de presunção que os conduz a ousar uma maior autoridade do que aquela que é capaz de brandir com sabedoria e de forma benéfica. Mais cedo ou mais tarde isso leva ao descontentamento e à rebelião, e o ditador dá por si derrubado e substituído por um outro indivíduo ou corporação de competidores depostos que possam provar ser ainda menos salutares. Se um governante ou governo desejar ser duradouro, parecerá sensato ser maleável mas insensato ser demasiado maleável.

"Parece difícil que as nações adoptem um sistema de governo que seja satisfatório para toda a população, e sempre haverá dissidentes que não podem concordar com as políticas praticadas pelo actual líder ou líderes. Por uma aberração estranha da perspectiva, quase todos os dissidentes são considerados influências sediciosas - como de facto poderão provar ser em muitos casos; mas o resto que não pode ser assim classificado consiste em benfeitores genuínos cujos objectivos são unicamente o de introduzirem reformas que venham a rectificar diversos males, tanto social como em termos económicos."

Quando Bertrand Russel me dirigia a palavra, eu prestava cuidadosa atenção e procurava registar fielmente cada palavra que ele pronunciava. Claro que existem dificuldades na comunicação entre o mundo da matéria e o mundo do espírito, e nem sempre as mensagens poderão chegar com clareza. Eu tive uma mensagem certa vez da parte de Sir Donald Tovey que enviei ao Dr. George Firth, de Edimburgo para ler. O Dr. Firth inquiriu uma palavra - 'flagrante' - que ele pensara estar incorrecta. Eu verifiquei devidamente junto do Sir Donald na primeira oportunidade e descobri que estava, de facto, incorrecta; o termo devia ter sido evidente, mas era tão parecido no som que Sir Donald precisou pronunciar-mo letra a letra antes que eu o entendesse. O texto de que essa questão surgiu encontra-se aqui incluído, num capítulo mais à frente. Quando essa dúvida surgiu Sir Donald observou que nas tentativas que faço por transcrever os seus discursos eu era fiel no esforço senão no efeito - típico da sua fraseologia, conforme Firth me assegurou.

Bertrand Russel disse-me certo dia que ele tinha concluído quando neste mundo que havia muitas questões sobre o Cosmos e a Criação para as quais, porventura, não existiam respostas, ou se existiam, seria quase virtualmente impossível nós obtê-las.

"Eu cria positivamente conhecer as respostas às muitas questões incluindo à incómoda respeitante à probabilidade de adoptar uma nova vida após o término desta. Uso o termo 'probabilidade' em vez de 'possibilidade' por acreditar na possibilidade de muitas coisas improváveis, e preferir considerar os problemas à luz da probabilidade em vez de à meia-luz das possibilidades."

A ciência passou nas últimas gerações dos domínios da matéria básica para reinos mais etéreos. Agora sabemos que a atmosfera que nos rodeia com incontáveis ruídos, imagens e ondas em relação às quais estamos abstraídos, somos agora capazes de detectar alguns conforme demonstrado pelo rádio e pela televisão, para designar apenas alguns exemplos. Viremos a ser capazes de construir aparelhos um dia que nos habilitem a todos a perceber e a escutar os espíritos? Quem quer que responda a essa questão com um enfático 'não' estará provavelmente a ser demasiado convencido, e em perigo de ter que engolir o que afirma numa dada futura. E se eventualmente viermos a conceber aparelhos que nos capacitem a comunicar com aqueles do Mundo Seguinte? Se existir um Mundo Seguinte, não parecerá demasiado absurdo presumir que devam existir alguns meios de o contactarmos; afinal, aqueles que tiverem passado tê-lo-ão alcançado sem qualquer aparelho especial. Até agora temos que depender largamente na mediunidade, da vidência, das 'visões divinas', etc., como vislumbres nesse mundo. Mas isso significa que muita gente precisa depender de outros para qualquer contacto com o Mundo do Além desde que não podemos ser todos médiuns.

Isso significa igualmente confiar na integridade e eficiência dos médiuns que possam prover esse serviço, embora o envolvimento do factor humano seja para sempre falível. Que tipo de repercussão deveria tal aparelho causar? Ele realçaria, por exemplo, o status da religião ou desvirtuá-lo? Vejamos a religião oficial da Grã-Bretanha, o Cristianismo: de que modo seria afectado? Provar que a vida após a morte seja uma realidade comprovará a questão mais importante, e poderia levar a uma grande renascimento na crença Cristã, talvez com algumas modificações em certos aspectos. Poderá parecer ao moderno adorador do pensamento que devamos estar preparados para avançar com os tempos consagrando a nossas fé mas aceitando uma expansão da perspectiva onde seja consistente com os princípios do Cristianismo. E essa disposição para estar preparado para progredir no panorama aplicar-se-ia a pessoas de todas as religiões se estivessem abertos a novas ideias, a novos desenvolvimentos e a uma nova luz no seu caminho.

Liszt tem muita vez conversado comigo sobre a interminável busca da verdade que o homem empreende e as suas variadas crenças.

"A crença está muita vez baseada no conhecimento fragmentado que tem sido passado através de diversos meios incluindo relatórios feitos por pessoas que não são, não será preciso dizê-lo, infalíveis. Essa gente frequentemente teve as palavras que proferiram mal traduzidas, mal interpretadas e mal aplicadas. As pessoas não

podem ser culpadas caso não compreendam as obscuridades e discrepâncias manifestas nos livros sagrados. Mas podem ser culpadas se possuírem uma inteligência normal e ainda assim agirem deliberadamente de um modo que provavelmente seja prejudicial por qualquer forma para os seus companheiros."

Essa parece ser a atitude resumida que têm no Mundo Seguinte, a de que não é tanto aquilo em que acreditamos que importa quanto a forma como nos comportamos. O que quer que um homem semeie, isso deverá igualmente colher, foi-nos dito há muito tempo. Isso, dizem eles, aplica-se a cada um de nós, e nós estamos aqui e agora a construir o nosso futuro. Eles asseguram-nos que a partir da sua própria experiência eles sabem que essa máxima é verdadeira. Encontramo-nos neste mundo possivelmente para aprender; e sem dúvida que haveremos de descobrir que ainda temos muito a aprender no Mundo Seguinte... e talvez no mundo a seguir a esse, e no seguinte. Neste mundo parecemos condenados a aprender através do sofrimento; no seguinte, podemos aprender por uma felicidade maior por meio de um serviço contente aos demais. Tudo isso, é-me dito, não representa nenhuma piedade insossa mas uma realidade prática; uma realidade alegre que podemos implementar neste mundo quando obtivermos uma maior compreensão de nós próprios e dos outros e da própria Vida.

Por falar em aprendizagem e na teoria de que este mundo é uma espécie de escola, se apenas tivermos uma vida aqui, dificilmente pareceria dar a cada alma uma hipótese razoável de alcançar um volume adequado de sabedoria. Isso suscita a questão da reincarnação, um tema altamente controverso que pode mesmo lançar-nos em águas mais fundas se nos permitirmos ser arrastados por algumas das alegações que avançadas em suporte da ideia. Para poder conceder a alguém uma gama justa de oportunidades na vida terrena, poderá parecer que o único caminho deveria ser através da distribuição de mais do que uma encarnação...

FELICIDADE PARA TODO O GÉNERO HUMANO

"Será a felicidade para toda a Humanidade um ideal impossível? Talvez seja, mas isso não nos deve dissuadir de o cultivar tanto quanto pudermos."

Isso foi o que Bertrand Russel me disse numa das suas visitas astrais.

"Para começar, devemos dar lugar à eventualidade de que a natureza humana nem sempre é terreno arável, tal como o solo nem sempre é arável para alongar um pouco a metáfora. Também a natureza humana pode ser tratada para a tornar mais fértil alimentando a imaginação, uma boa esteira que lhe enriqueça a fundação antes de termos a esperança de lançarmos as sementes que venham a trazer-nos uma boa safra na pessoa de um membro afortunado da sociedade que por sua vez traga felicidade a outros membros da sociedade.

"Um enorme volume de tempo e de energia foram gastos na busca de felicidade por parte de muita gente desde o começo dos tempos. Dados os fundamentais pré-requisitos para a saúde corporal e o bem-estar, a felicidade pareceria razoavelmente fácil de conquistar, poderemos presumir. Mas nós sabemos pelos elevados números das pessoas com depressão e pelo número crescente dos suicidas, que isso é uma falácia total. Que nos assegurará, pois, a felicidade, quando todas as causas óbvias de desconforto e de sofrimento tiverem sido excluídas?

"Não pode existir nenhuma panaceia universal de felicidade que seja óbvia para toda a gente que tenha estudado, como eu estudei, as causas da felicidade e do seu contrário. A felicidade é um estado que é criado dentro de nós por um vasto e diversificado número de factores. Um homem fica contente com nada menos do que uma mansão ou uma propriedade de luxo e uma frota de carros velozes; outro homem é feliz na sua cela de monge dotada de pré-requisitos mínimos de vida. Portanto, poderá parecer que não é o que realmente possuímos que nos fornece a felicidade, mas as reacções que geramos àquilo que possuímos. O segredo da felicidade, à semelhança do reino dos céus, e a chave para ele está na atitude que temos para com a vida e em especial para com a nossa vida pessoal.

"Poderemos ensinar as pessoas a ser felizes do mesmo modo que as podemos ensinar a somar e a subtrair, multiplicar e dividir? Para isso precisaríamos ensiná-las a ler a si mesmas do mesmo modo que leem literatura. Isso significaria começar pelo alfabeto da análise de si mesmo que não poderia ser facilmente ensinado às crianças já que os padrões do comportamento comparativo carecem ser estudados antes que a análise pessoal possa ser empreendida de modo eficaz. As crianças não teriam suficiente experiência nessas normas para ser capazes de absorver o significado da análise de si mesmo. Se ensinarmos às crianças a parar e a pensar "Porque me estou a portar assim" em cada estágio do seu dia de trabalho e brincadeiras, eles poderão incorrer no risco da perda da espontaneidade que constitui a própria fonte de que brota a sua alegria.

"Nós percorremos o círculo completo e regressamos ao ponto em consideração, designadamente se poderemos ensinar as pessoas a ser felizes. A observação que fazemos das crianças levar-nos-ia a pensar o contrário, e a acreditar que a felicidade pode melhor ocorrer como um acontecimento puramente involuntário. Será isso o mais próximo que poderemos chegar da solução, ou seja, inferir que a felicidade seja algo que simplesmente acontece a uma pessoa e que não possa ser induzida? Conseguimos pensar em muitas coisas que são calculadas para nos trazer prazer como distintas da pura felicidade e sabemos que o prazer pode resultar em felicidade mas que nem sempre são uma e a mesma coisa. Uma bebida alcoólica, por exemplo, pode trazer prazer ao palato, mas não transmite necessariamente qualquer alegria ao cérebro nem conforto ao corpo. Podemos ter toda a riqueza do mundo, e ainda ser suficientemente infelizes embora essa riqueza seja mais do que suficiente para comprar todos os prazeres que o mundo

tem a oferecer. Contudo, a ideia de que a riqueza forneça os meios de obtenção da felicidade persiste na mente humana de forma obstinada, e constitui o terreno fértil do capitalismo.

“A felicidade depende em larga escala da nossa disposição. Dizemos que alguém tem uma natureza feliz e que outra pessoa não passa de um verme miserável. Precisamos descobrir como conceder uma disposição afortunada às pessoas e a idade em que isso poderá ser melhor conseguido. A infância parecerá o período da vida para criar uma melhor disposição por na maioria das pessoas a disposição desenvolvida na infância permanece com elas pelo resto das suas vidas. A questão está em saber se as crianças no geral possuem uma disposição intrinsecamente afortunada, o que certamente parece aplicar-se no caso das crianças saudáveis. Se, parecerem que nasçam com uma disposição afortunada, pois, parecerá uma tendência natural, uma tendência que muita vez é despojada à medida que crescem.

“Se a felicidade for a nossa tendência natural, tudo quanto precisamos fazer é descobrir como reter essa tendência ou evitar tê-la impedida ou destruída. Isso leva-nos à questão do ambiente e da educação, da educação e da experiência generalizada, uma pletora de considerações que não podem ser adequadamente cobertas neste ensaio. Em qualquer dos casos, estas questões só poderiam ser discutidas num sentido muito amplo por os historiais diferirem tanto e apresentarem tanta complexidade.

“Certos ambientes não são obviamente conducentes à saúde e por conseguinte não levam à felicidade. O mesmo se aplica à criação, e estende-se igualmente à questão da educação, que tem o objectivo de inculcar conhecimento sem se preocupar com nada de intelectual como a busca da felicidade. A experiência generalizada é algo sobre o que não temos muito controlo, e precisamos pegar no que temos e conseguir o melhor disso. A atitude de uma pessoa pode capacitá-la a erguer-se acima das tragédias pessoais e ainda encontrar felicidade no viver, demonstrando que a experiência geral, seja em que forma for que nos chegue, não precisa privar completamente da nossa serenidade interior. As reacções que movemos às nossas atitudes, as quais são amplamente ditadas pelas últimas, são factores chave na busca que empreendemos pela felicidade. Parece, por conseguinte, que as influências que determinam as nossas atitudes sejam de primordial importância. Temos que admitir que as nossas atitudes na sua maior parte são determinadas para nós pelos outros, pelo menos até alcançarmos uma idade em que consigamos raciocinar e pensar pela nossa própria cabeça.

“A saúde, que poderá ser designada felicidade corporal, depende de uma dieta variada, de um ambiente salutar, de suficiente exercício e repouso. A saúde da mente, que aceitamos como sinónimo da felicidade mental, deve depender de condições similares. A mente carece de variedade para evitar o tédio, que é uma

das principais causas de infelicidade, e certamente necessita de um clima mental que seja propício ao seu bem-estar. Também precisa ser exercitada de modo a mantê-la em perfeita forma de modo que o seu interesse na vida possa manter-se agudo e repelir o ataque do tédio. O repouso da mente é provavelmente um dos requisitos mais essenciais para a sua felicidade, porque o cansaço e o entusiasmo não podem andar de mão em mão, e a felicidade necessitar de entusiasmo."

Entusiasmo pelo viver e interesse pela vida são coisas essenciais à felicidade. Isso decerto faz sentido por observarmos frequentemente que uma pessoa perde o entusiasmo pela vida ao se aposentar a menos que tenha algo que lhe interesse aparte do trabalho que desempenhe. Quando ficamos sem cor, ficamos sem apetite pela comida; de modo similar, quando ficamos com a mente exausta, deixamos de sentir entusiasmo pela vida A abordagem de que usamos para com a vida pode dar-nos uma maior ou menor acesso à felicidade, de acordo com a perspectiva que tivermos.

As crianças brincam com entusiasmo e são entusiastas no espanto que experimentam para com o mundo que as rodeia. Talvez nós crescidos achemos que o entusiasmo seja coisa infantil dado que parecemos perde-lo de forma constante ao crescermos. Cultivamos um comportamento mais sóbrio, tornamo-nos fatalmente sérios (fatalmente por ser o tipo errado de seriedade que tem o efeito da insensibilização) e se parecer que vivamos despreocupados, os outros adultos poderão olhar-nos com desaprovação, e até acusar-nos de sermos irreverentes e irresponsáveis. Talvez precisemos de facto tornar-nos como as criancinhas pequenas para podermos entrar no reino dos céus, ou, por outras palavras, num estado de felicidade.

Aqueles seres com quem estou em constante contacto nas esferas do espírito dizem-me que trabalham incessantemente pela felicidade do género Humano Quando um belo dia ponderava nisso, Liszt, o principal porta-voz, disse que isso não era por tentarmos ser virtuosos, mas por reconhecerem que as pessoas felizes provavelmente sejam mais amáveis para os outros, e que essa amabilidade ajude no estabelecimento de uma boa relação. Isso, por sua vez, prosseguiu ele, poderia ajudar à criação de uma paz mundial que é necessário promover para que a Humanidade possa evoluir satisfactoriamente.

Muito poderia ser dito em apoio das declarações de Liszt. Os educadores sabem que crianças felizes e salutares são capazes de aprender com um maior êxito do que aquelas que são infelizes ou que vivem na indisposição, que se veem dificultadas pela ausência de saúde. A teoria avançada por Liszt, de que podemos evoluir de uma forma mais vantajosa num estado de paz ou felicidade parece praticável de acordo com tais observações. Isso não põe de lado os casos em que os indivíduos tiverem aprendido através do sofrimento a exibir coragem e resistência, e, em certos casos, a tornar-se mais compassivos para com os outros. Podemos sempre aprender se nos

dispusermos a fazer um esforço, segundo ele diz, mas evoluiremos melhor em condições de harmonia e de bem-estar.

Liszt diz que ele e muitos outros estão a tratar da nossa felicidade neste mundo; mas quais serão as perspectivas que temos no mundo seguinte? Foi Sir Donald Tovey quem me deu a resposta a essa pergunta.

"Em grande parte a vida no Além não apresenta problemas para além deles próprios, problemas que são acentuados pelo facto de estarmos face a face com a realidade e não nos podermos enganar nem aos outros quanto às nossas naturezas, intenções, aspirações, crenças, atitudes e limitações. No mundo da matéria torna-se possível escapar à nossa natureza interior perseguindo uma série de actividades febris, conseguindo os prazeres da carne ou tornando-nos estupefactos com a bebida, as drogas e outros expedientes paralisantes.

"Aqui não existe qualquer via de escape, e a verdade respeitante a nós olha-nos sem pestanejar nos olhos. Ver-nos exactamente como somos e não como desejaríamos ser ou como poderemos fazer por ser, pode ser a mais desconcertante e humilde das experiências. Contudo, há uma medida de consolo, em sabermos por fim onde nos encontramos e que qualidades precisas possuímos ou nos faltam. É sempre definitivamente melhor saber do que supor ou especular.

Então poderemos definir a tarefa, se a tanto estivermos dispostos, de corrigir as nossas deficiências. Nesta pós-vida um certo poder deu-nos o dom de nos vermos conforme somos, e não meramente como os outros na terra nos viam; porquanto precisamos ter em mente que os outros nem sempre vêm os nossos verdadeiros eus já que não nos podem conhecer minuciosamente a partir do interior. Há uma forte propensão entre os seres humanos para se julgarem mal mutuamente, e as opiniões que têm uns dos outros podem ser inteiramente falsas. A verdade relativa a nós vem directamente numa autorrevelação activada pelo Espírito Infinito, o nosso Criador.

Como a questão das perspectivas que temos na Vida Seguinte foi suscitada nessa altura, é apropriado citar mais Tovey na matéria.

"As cerimónias fúnebres raramente são conduzidas de modo a transmitir aos enlutados qualquer vislumbre de insight quanto ao paradeiro da alma que partiu para quem as supracitadas cerimónias são executadas. Em verdade é duvidoso que alguns ministros tenham algo mais do que uma vaga ideia do estado em que o recém-falecido pode encontrar-se após ter passado pela inevitável porta da morte. Os oficiantes da Igreja de qualquer denominação são, precisamos conjeturar, parciais a uma crença solene numa continuada existência de algum género que siga a vida na terra, porventura acreditando que esteja disponível unicamente para quantos subscrevam as perspectivas da sua particular Igreja.

"Certas religiões estipulam requisitos específicos como qualificações necessárias para uma entrada na Vida Eterna. Todos estamos familiarizados com a doutrina de que devemos ser 'salvos' antes de podermos herdar a Vida Eterna. Essa doutrina da sobrevivência selectiva após a morte deve ter sido a causa de muita aflição da mente, tanto por entre aqueles que morrem como por entre os enlutados. É frequentemente usado como arma para levar os descrentes a conformar-se, o que para a mente é sem-sentido, desde que conformar-se através do medo não representa uma verdadeira conversão.

"Aqueles que acreditam que seja traçada uma distinção por altura da morte, em que só os escolhidos entram numa outra vida, deveriam parar para considerar o quão anómalo isso seria em comparação com a entrada no mundo material. Quando uma alma encarna na terra parece existir apenas um aparente requisito: que duas pessoas do sexo oposto se juntem numa relação conjugal que resulte no desenvolvimento de um feto humano e o seu subsequente nascimento. Isso provê o necessário veículo físico que a alma poderá habitar durante a sua jornada terrena.

A Lei Suprema cria vidas individuais na terra que não tenham que satisfazer nenhum requisito categórico para além da provisão dum corpo material. Porque deveríamos, pois, presumir que o começo da vida noutras esferas ou dimensões devam depender de alguma coisa para além da equipagem de um corpo adequado ou veículo em que funcionar? A afirmação de que o Espírito Infinito pratique um sistema de discriminação com respeito à admissão na Vida depois da Morte surge em desacordo com as leis que governam a entrada pelo nascimento na Vida antes da Morte.

A mente lógica percebe a inconsistência de tal linha de pensamento, e questionará a implicação de que num estágio a Lei da Vida consagra a existência de forma incondicional, apenas para a consagrar condicionalmente num estágio posterior. Isso, para aquele que for versado na lógica, indicará que a Lei se encontre sujeita a flutuações de natureza imprevisível, o que significaria que a Lei seja instável. O cientista previve-nos de que a lei é estável, e nós não podemos, por conseguinte, conceder crédito à ideia numa Criação Instável."

No nosso mundo, muitas vezes a Religião e a Ciência chocam. A Religião tende a exortar-nos a acreditar sem fornecer uma ampla substanciação para a crença; a ciência exorta-nos apenas com respeito àquilo que pode ser cientificamente provado. No mundo seguinte eles parecem incapazes de reconciliar a religião com a ciência. Têm a vantagem de saber que existe Vida depois da Morte; nós só podemos presumir que a Vida continue, a menos que estejamos entre os afortunados poucos que tenham recebido comprovação irrefutável de que prossegue.

Por saberem no mundo seguinte que a morte não é o fim mas um começo para uma nova vida, eles desenvolvem naturalmente uma atitude diferente para com a Morte.

Para eles não constitui a tragédia final e medonha que parece a muitos na terra. É a libertação do sofrimento físico e dos fardos materiais, além de uma jubilosa reunião com parentes queridos e amigos que passaram antes de nós. Sir Donald tinha muito a dizer acerca da felicidade da vida seguinte.

"Deixe que lhe faça uma descrição de um acontecimento que eu testemunhei em muitas ocasiões desde que parti do vosso mundo. Da esfera em que actualmente fixei residência, nós observamos a considerável incerteza e a não menor apreensão que despertam na mente humana com respeito à experiência da morte e à transição para uma outra vida. Um incontável número de pessoas não tem a menor noção do processo pelo qual uma alma abandona a veste terrena, o corpo físico, e viaja para o seu destino celeste. Digo destino "celeste" já que a vasta maioria das pessoas prossegue para um estado que para elas constitui um céu.

"Eu próprio não podia acreditar que tinha passado através da porta da morte ao chegar aqui; toda a experiência é de tal modo natural, tão automática, tão serena, e tão imperceptível do aspecto da alma. Aqueles que receiam que alguma passagem estranha ou debilitante os possa aguardar a seguir ao momento real do falecimento, poderão descartar a sua apreensão como completamente infundada. No instante da morte ou antes desse instante, a consciência é suspensa e a alma liberta do cadáver flutua livre para a sua nova morada. Eu assisti à chegada de almas aos meus arredores espirituais, e verifiquei que parecem elevar-se através de um mar de luz, suave e lentamente, e sem esforço, suportadas de forma segura nos seus novos corpos que são providos para as suas almas no instante da cessação da sua existência física.

De facto, esses novos corpos já existem embora estivessem fundidos com os corpos físicos e ligados a eles pelo cordão de prata, conforme é conhecido. Na Morte, esse cordão é dissolvido ou cortado, e pode ser comparado a um cordão umbilical que é igualmente dispensado após o nascimento. A morte, afinal, é como um outro nascimento num outro mundo, excepto que o nosso novo corpo constitui um duplicado do recentemente desocupado corpo físico. Quando nascem na terra, entram num corpo fornecido pelos vossos pais; quando nascem no Mundo do Espírito, emergem no duplicado desse corpo no estado que ele tiver alcançado, à excepção de que não comporta defeitos, por os defeitos constituírem características do mundo da matéria e não do mundo do espírito. Parecerá isso demasiado rebuscado para que alguns compreendam? Vocês hão de compreender um dia que o espírito é íntegro, pelo que nada lhe falta na manifestação; mas a matéria é incompleta e consequentemente acha-se sujeita a muitas imperfeições.

"Quando a alma que se elevou recupera a consciência, desperta em arredores de paz onde encontra parentes e amigos a espera de a saudar e a levar a sentir-se em casa. Estou a referir-me à alma média e não àquelas cuja consciência foi nublada pelas sombras de uma vida descontrolada ou obscurecida pelo afundar em

lúgubres profundezas de actividades questionáveis. Reconhecemos aqui que a pessoa mediana não é caracterizada por uma natureza má, embora poucos de nós passemos pela existência terrena sem cometermos alguns erros que em grande medida representam ofensas menores que ocorrem em resultado da nossa falta de conhecimento ou devido a que as circunstâncias nos tenham levado a bem ou a mal a tornar-nos imprudentes ou irreflectidos.

"Depois de uma alma se ter ajustado à sua nova vida ela pode, se assim o desejar, fazer um inventário da sua vida passada e extrair o bem o levar por diante, deixando para trás aquilo que agora descobre ser sem valor. Esse parece ser um processo simples, mas não é fácil abandonar os hábitos de uma vida ou reorientar rapidamente uma perspectiva desinformada. Em verdade há alguns que se agarram com tenacidade às suas velhas crenças mesmo quando deveria ser óbvio que são falsas; medo de soltar ou o falso orgulho reterão as pessoas de um progresso para a iluminação.

"Uma coisa torna-se rapidamente clara para as almas recém-chegadas; é a ordem divina da natureza das coisas. Todas as almas enfrentam aqui os seus justos merecimentos, não porque sejam ministradas por uma deidade superintendente, mas por ser literalmente verdade que se colhe o que se tiver semeado. Se nos tivermos esforçado por facilitar a vida a muitos na vida terrena e procurado promover o bem-estar e a felicidade do nosso semelhante, então daremos por nós num ambiente agradável por entre os companheiros amigáveis, e capazes de nos adaptarmos sem dificuldades ao novo modo de vida.

Mas aqueles que tiverem deliberadamente privado outros dos seus direitos materiais e necessidades humanas ou tiverem sem querer provocado sofrimento, darão por si por sua vez privados e aprisionados pela maldade inerente à perspectiva que tiverem alimentado. O que não quer dizer que se vejam presos para sempre num inferno da sua criação; Assim que uma alma vir e confessar os delitos passados e os tentar rectificar, abre-se-lhes o caminho da evolução para a luz. Um verdadeiro arrependimento, como o que as Igrejas pregam, é chave para o perdão e a salvação.

"Esta exposição corre o risco de se tornar num sermão, e nenhum de nós tem o direito de pregar sermões aos outros. Acreditamos aqui em aprender juntos, e ninguém se atreve a ver-se como superior aos demais; por percebermos, caso não o termos conseguido já na terra, que somos todos iguais aos olhos de Deus, e que só pela Sua Vontade possuímos os nossos talentos individuais. Testemunhamos ser verdade como conforme um homem pensa no seu íntimo, assim ele é. Vemo-nos uns aos outros precisamente como somos, o que não poderá causar-nos uma consternação menor numa primeira instância. Todas as mentiras delicadas que as pessoas dizem tornam-se transparentes sem poder algum de dissimulação. Quase podemos ver num relance se julgamos mal ou se deixamos de valorizar os outros

ou se os teremos superestimado. Este é de facto um mundo de Verdade e de Realidade, de que o mundo material não passa de um espelho que desfigura."

Sir Donald prosseguiu descrevendo a felicidade que pode ser experimentada na Vida Seguinte.

"A maior das alegrias para a maioria das almas que se elevaram é a de existe toda uma extensão de desenvolvimento harmonioso da expressão pessoal. Toda a amargura da frustração desaparece à medida que cada um desdobra os seus dons e se capacita a dar felicidade aos outros por intermédio do seu uso. Eu próprio nunca consegui considerar o suficiente em vida na terra embora tenha lido extensivamente; fui um ávido leitor aqui nas bibliotecas esplendorosamente equipadas que se acham estabelecidas nos diversos planos da consciência. Descobri prontamente nas excursões de leitura que empreendi por este domínio que muitos contos de fadas são baseadas em factos, e que não poucas são as coisas que são solenemente consideradas como verdade de facto, ao invés, não passam de produtos da imaginação.

"Eu acreditei, por exemplo, que um homem é um homem não apenas em razão do corpo masculino que habita, mas devido a uma qualidade (ou qualidades) qualquer não definida da sua natureza, e que uma mulher é uma mulher com base no mesmo antecedente. Desde que aqui cheguei, e prolonguei os meus estudos nesta matéria, alterei não sem algum espanto as ideias que tinha com respeito às diferenças. Está a tornar-se entendido no mundo, talvez com relutância da parte de algumas das reservas de homens, que a linha de distinção entre os dois sexos não é a muitos títulos tão marcada ou constante quanto anteriormente se acreditara. Isto é uma maior aproximação à verdade fundamental do que poderá ser imaginado. Somente agora estou a começar a compreender a verdade da questão, ou seja, que todo ser humano, independentemente do sexo, possui uma essência idêntica embora se manifeste em diferentes formas.

"Aqueles que tiverem encarnado na aparência feminina ficam geralmente alegremente surpreendidos ao descobrir que no Mundo do Espírito não existe distinção entre macho e fêmea, por esses serem simples aspectos reconhecidos da existência física e não têm qualquer relação com a natureza eterna da alma. Ficam agradavelmente surpreendidos por dar por si num mundo ou esfera onde não mais são objecto de discriminação ou privados dos vários direitos e oportunidades por causa do sexo. No Além somos estimados de acordo com as qualidades inerentes que possuímos e os méritos cultivados, e a questão do sexo não é considerada.

“Aqueles que encarnaram na aparência masculina sentem-se por vezes desconcertados ao descobrir que a sua superioridade masculina, se assim a tiverem considerado, não tem qualquer continuidade na vida após a morte. A inteligência, o carácter e até mesmo a resistência física é tão patentemente

independente do sexo no plano terreno que não devia envolver qualquer dificuldade para o que tem percepção deduzir que um físico masculino não garante necessariamente a posse de superioridade em qualquer desses aspectos e que a posse de um corpo físico feminino não desqualifica a superioridade. Somos limitados, é verdade, pela forma que adoptamos no mundo da matéria; mas um macho pode ser um fraco ou um deficiente mental, e uma mulher pode ser dotada de poder muscular e de capacidade intelectual. Assim, os papéis masculino e feminino não são categoricamente definidos conforme os nossos antecessores poderão ter pensado, ou seja, não com respeito às suas capacidades mentais e físicas.

"A humanidade desperdiça muitos dos seus recursos femininos, ou tem-no feito até recentemente, ao reter a prerrogativa masculina com respeito á vasta maioria das questões, o que lançou o fardo dos assuntos do mundo nos ombros masculinos. O meu contemporâneo Bernard Shaw sugere curiosamente mas não quixotescamente que esse status quo é devido ao facto da astúcia feminina ter prevalecido no homem para assumir as responsabilidades dos negócios e o estado e assim aliviar a mulher desses fardos.

"Oportunidades para todos de desenvolver as suas capacidades e de as pôr a uso ao serviço da comunidade deviam estar ao dispor independentemente da classe, da cor, do credo, da nacionalidade ou do sexo, caso o mundo deva beneficiar dos seus recursos humanos. Verifica-se um desperdício deplorável da capacidade em todas as secções da sociedade. Isso contribui para as misérias concomitantes de um planeta povoado por povos cuja vasta percentagem é composta de desprivilegiados e de sobre explorados. Com a rede de comunicações e as facilidades de deslocação a puxar os habitantes para um maior contacto, a necessidade de garantir que nenhum grupo ou nação seja privada ou oprimida transforma-se numa questão vital que não tolerará mais protelação ou negligência."

Sir Donald referiu-se ao palco do nosso mundo da mesma forma que Bertrand Russell, não mostrando interesse pelos actuais desenvolvimentos, mas comentando alguns dos problemas dos presentes dias.

"Observamos com admiração os vossos grandes cientistas e filósofos e psicólogos a aplicar as suas energias a fim de penetrar nos domínios desconhecidos dos mundos materiais, mental e abstracto. Vastas descobertas foram feitas no século passado que empurraram para a frente o ritmo da vida e alargando-lhe o alcance. O tenor da vida na terra mudou desde uma série de acontecimentos ostensivamente desarticulados e isolados para um padrão mais apertado interactivo que parece a cada dia mais enredado nos seus compromissos não cumpridos e conflitos por resolver.

“A complexidade da política moderna torna-a cada vez mais difícil de compreender os objectivos das federações e confederações nacionais e internacionais. Assim, muitos são os grupos que se acham divididos contra eles próprios num vale tudo em que cada um parece preocupado somente com os seus benefícios imediatos; poucos parecem gozar da previdência que os capacitaria a perceber que nenhuma secção individual ou separada pode obter a completa satisfação das necessidades e carências a menos que sejam compatíveis com a vida integral que as rodeia.

“A humanidade tende a usar o seu intelecto como arma de destruição contra os outros em vez de como força construtiva, e a sua força para instalar o medo em tudo e todos, em vez de poder de protecção dos interesses e bem-estar de todos os seres humanos, em especial os desamparados, os indefesos e os desprivilegiados. O elemento destrutivo tornou-se preponderante e irrompeu em manifestações que muita vez degeneram na desordem e na violência e que raramente alcançam alguma coisa excepto aversão por tais métodos da parte dos cidadãos respeitantes da lei, e danificam a imagem do seu caso, seja sólida ou irrazoável. Nenhum resultado duradouro estimável posição pode alguma vez ser obtido pelo uso da persuasão pragmática ou tácticas tirânicas já que isso infalivelmente provoca ressentimento em algumas áreas onde isso arderá numa ameaça incómoda para a continuidade das práticas ou princípios que tiverem criado descontentamento.”

Sir Donald então voltou a sua atenção para os problemas dos jovens de hoje:

“As crianças de hoje estão a ter uma maior consciência das incertezas dos seus pais, e quando alcançam a mocidade são susceptíveis de ter descoberto as suas próprias soluções de forma prematura antes que o seu juízo tenha tido oportunidade de se desenvolver pela experiência! Assim temos os jovens a agitar-se contra as condições que nem sempre são tão aceitáveis quando alegado para o juízo maduro, em cujo caso os mais velhos se encontram perdidos para captar o carácter exagerado do problema. Alguns dos de menor discernimento por entre as gerações mais jovens desejam que determinadas drogas sejam legalizadas, embora seja sabido que tais drogas acarretam o risco médico de uma dependência intensificada. Trata-se de triste veredicto do clima que predomina nos dias actuais que haja quem ache que precisa recorrer às drogas de modo a capacitá-las a lidar com o ritmo da vida. Parecemos estar a perder a espinha dorsal.

“Existem, evidentemente, problemas diversificados e urgentes e flagrantes injustiças que afectam as pessoas de todas as idades e grupos. A humanidade encontra-se no cadinho das suas próprias emoções ao rubro, e o calor pode inflamar muitos indivíduos normalmente calmos em discursos abrasadores e esforços febris que por vezes se provam lamentáveis e se desvanecem em fumo.

“Muito para além da turbulenta maré de contenda e de luta, existe uma era de promessa onde muitas queixas se terão tornado obsoletas, e muitas novas formas

de lidar com problemas individuais e de massas serão descobertas e postas efectivamente em prática. Na disputa por si mesmo, incontáveis números são negligenciados, e permitem uma medonha discriminação e vitimização, em certos casos contra aqueles menos capazes de pressionar o seu próprio caso ou de considerar coerentemente as suas circunstâncias difíceis ou direitos frustrados.

"Há uma outra maneira de encarar a vida que muito raramente é vista pela humanidade no seu todo. É duvidoso que um estado de existência completamente satisfatória possa ser obtida atendendo somente às necessidades imediatas tais como requisitos corporais como alimento, água, abrigo, calor e necessidades similares do foro da vida salutar. O homem não pode viver somente de pão, a despeito do facto de muitos alegarem que pode, usando o pão para me referir às necessidades materiais. O homem tem uma necessidade espiritual, por mais que isso seja controverso. A maior parte das pessoas concordará que existem necessidades de recreação, de descontração, e interesses não comerciais. Esses são de importância tão vital para a saúde mental e do corpo como especificações nutricionais básicas. Com o aumento do tempo-livre para um número crescente, as necessidades adicionais devem ser atendidas a fim de repelir o tédio e o descontentamento.

"Mais importante que tudo, embora os de mentalidade materialista acreditem ser inconsequente, são os requisitos intrínsecos espirituais de cada indivíduo. Contudo, eles só podem ser satisfeitos pela descoberta pessoal, chegando a termos satisfatórios mas não satisfeitos consigo mesmo, e pela descoberta de uma orientação harmoniosa com o mundo, com a Lida, com o Homem, e com aquele Infinito a que chamamos Deus. Deus pode passar sem o homem, mas o homem não pode passar sem Deus."

A BUSCA DA ALMA E JUNG

De longe um dos personagens mais encantador no Além com quem tive o privilégio e a alegria de conhecer é Carl Jung. A sua gentil presença e humor amável, a profundidade serena da sua enorme alma transmitem um profundo sentimento de serenidade.

Ele não procurou estabelecer a sua identidade terrena comigo, inicialmente. Disse-me que estivera recentemente no nosso mundo e que praticara psicologia, mas quando lhe perguntei o nome, ele respondeu um tanto caprichosamente: "Trata-se apenas por Joe."

Naturalmente ficou curiosa com respeito à sua identidade, embora respeitasse o aparente desejo de permanecer anónimo. Era frequente falar-me sobre psicologia, talvez por conhecer a forte convicção que eu tinha de que devemos chegar a

conhecer-nos tanto quanto possível de forma plena se quisermos fazer pleno uso dos nossos potenciais interiores. Quanto mais vivo mais sinto a insistente necessidade de desenvolvermos uma maior compreensão dos outros, por somente dessa forma talvez possamos aprender verdadeiramente a tolerar em relação aos pontos de visto dos outros, paciência em relação ao comportamento incompatível, e um aumento do dar e receber tão indispensável ao cultivo das boas relações. Conforme Shaw deseja assinalar, se não conseguirmos desenvolver boas relações entre em pregado e empregador, entre governos e sindicatos, a indústria e o comércio, cairemos no caos e possivelmente num impasse. E uma boa parte desse relacionamento depende de um esforço honesto e consistente por apreciar os problemas dos outros e por cooperarmos na sua resolução efectiva e de um modo que não seja prejudicial para nenhuma das partes em qualquer disputa.

Mas essas são questões complicadas que envolvem custos de funcionamento, padrões de vida, custos de via, solvências e assim. Este capítulo desejo votar aos problemas da natureza humana, pelo que vou deixar as questões da economia e as questões das exigências feitas pelos empregados aos seus empregadores e vice-versa.

Podemos muita vez ficar intrigados com o comportamento dos outros, mesmo quando conhecemos as pessoas há anos, elas podem subitamente fazer ou dizer algo que pareça completamente estranho à sua natureza. O relacionamento que temos com os outros neste mundo tende a ser muito superficial baseado num conhecimento formado numa observação desconexa da sua aparência e modos, discurso e acção. Frequentemente formamos uma opinião de alguém precipitadamente com base numa ou outra conversa que temos com a pessoa. De facto o julgamento que fazemos dos outros é baseada em tais fragmentos de conhecimento que temos deles que na maioria dos casos, que podemos estar certos de que o nosso julgamento mais o das vezes é incompleto e inteiramente erróneo.

Temos o hábito de presumir coisas com respeito às pessoas quando na realidade não temos a menor ideia daquilo que são. Na minha própria experiência descobri que as pessoas acatam o dever de me passar julgamento sem me terem conhecido nem sequer uma vez - uma prática ridícula e perigosa da sua parte. Muitas pessoas têm prazer diabólico em depreciar os outros, talvez por eles próprios possuírem um agudo complexo de inferioridade e procuram compensá-lo tentando menosprezar os outros. Isso poderá ser resultado da nossa herança dos antigos instintos primitivos que nos compelem, caso deixarmos que estabeleçam superioridade em relação aos outros. De facto podia ser que esse mesmo instinto seja a causa de todas as nossas guerras.

Contudo, padecemos de uma ignorância abismal do nosso próprio ser interior assim como dos outros, mas conforme Jung persistentemente me assegurou, há um elemento na natureza humana que nos incita continuamente para a aquisição do

conhecimento, da compreensão e da intuição no próprio seio da Criação e dos seus propósitos. O que o apoquenta é que parecemos não ter as ferramentas para abrirmos caminho para fora da prisão da ignorância em que parecemos estar quase perpetuamente trancados. Primeiro, diz ele, precisamos criar as ferramentas requeridas para modelar a nossa própria consciência. Antes de podermos criar música, precisamos criar instrumentos com que a tocar; antes de escrevermos poesia, precisamos selecionar as palavras a empregar; antes de podermos contemplar a natureza inata do Homem, precisamos conhecer algo dos ingredientes psicológicos que contribuem para essa natureza. Por outras palavras, ele diz que precisamos ter uma ideia do que procurar e de como o buscar.

Eu pedi a Jung se ele poderia elaborar um pouco, e a resposta que deu foi muito simples. Basicamente, afirmou ele, revelamos uma ou duas reacções contra tudo o que se intromete na nossa experiência; ou nos voltamos na direcção da experiência ou nos afastamos dela, para falar em termos figurados. Podemos calcular as nossas reacções inicialmente, para determinar se uma determinada experiência nos leva a voltar para ela ou a afastar-nos dela; mas aí podemos penetrar no mistério das nossas reacções procurando descobrir por que reagimos como o fazemos.

Não devemos simplificar demais essa regra e aplicá-la a situações óbvias tais como aquelas que apresentam a ameaça de perigo, caso em que a reacção normal será a de rejeitarmos o perigo quer fugindo-lhe ou superando-o por um modo qualquer, em que ambas as acções, ou mesmo uma reserva que leve à imobilidade constitua uma desistência da experiência. Mas nos mais obscuros casos da aceitação e rejeição das reacções, assim que tivermos sido capazes de decidir qual a reacção que se aplica, teremos dado o passo inicial que poderá pôr a investigação em marcha.

Ele dissera-me em tempos que favorecia muito a análise dos sonhos desde que fosse conduzido de um modo meticuloso e compreensivo. Quando lhe perguntei porquê, ele disse-me que durante a análise de confronto, uma tarefa laboriosa e por vezes impossível apresenta-se no processo de remoção de todas as camadas impostas pela mente consciente e subconsciente sobre certos factos que o paciente não desejaria ver trazidos à superfície. Nos sonhos, assinalou ele, o censor ou o factor de supressão passa para o lado e permite à mente uma liberdade completa para operar conforme deseje; embora uma cuidadosa e informada interpretação dos sonhos seja essencial à sua compreensão, a verdade é revelada neles para exprimir algo sem recurso a qualquer subterfúgio para além do simbolismo em que expressa algo que não possa ser expressado directamente.

"Sabes," disse ele, sorrindo um pouco timidamente, pensei eu, "alguns dos sonhos que eu revelei de facto eram experiências despertas por que eu tinha passado; mas percebi que seria considerado como um sonhador místico se revelasse isso ao

mundo psicanalítico." Ele disse que se sentiria orgulhoso de ser considerado um místico caso empregassem o termo a fim de denotar uma relação com Deus.

"Vós viveis num mundo estranho," observou ele, "em que na vida do dia-a-dia as pessoas estão constantemente a ocultar aquilo que pensam e sentem. De vez em quando todo esse negócio da dissimulação torna-se demais para o indivíduo, e provoca um estresse excessivo e um colapso nervoso, como um cabo sob tensão derrete um fusível. Então o indivíduo precisará consultar um psiquiatra, que tentará encorajar a inverter o processo; a expor os sentimentos ocultos e a dar-lhes um bom arejo. Se as pessoas não fossem tão artificiais nos seus comportamentos diários, haveria poucos pacientes nos sofás dos psiquiatras.

Eu imaginei as pessoas a andar por aí a dizer o que lhes viesse à cabeça sem tentarem preservar qualquer constrangimento de educação, o que se me afeiçoou um quadro horrendo, segundo me pareceu. Como se me tivesse captado o pensamento, Jung disse:

"Não há necessidade das pessoas praticarem a agressão ou de tornarem arrogantes enquanto buscam uma política de modos naturais em vez de modos artificiais. É uma questão de serem honestas consigo próprias. Por exemplo, se por alguma razão conhecida ou desconhecida, sentirem uma aversão intensa pela pessoa, não há necessidade de lho dizerem na face — afinal ela poderá ser perfeitamente inocente e uma pessoa muito sensível que não lhes tenha dado razão para a antipatia - mas se tentarem persuadir-se de que gostam dela, porventura por lhe terem dito que deviam amar toda a gente, isso originará um conflito na vossa mente e confundir-vos-á a mente subconsciente que não saberá se há de registar gosto ou aversão."

Pensei que tinha começado a captar uma vaga ideia do que ele queria dizer. Haverá porventura muita coisa que não admitimos para nós próprios, especialmente se for provável que venham a ofender a vaidade que muitos de nós possuem em algum grau. Muitos de nós gostam de se considerar como pessoas justas, e precisamos estar certos de que algumas das nossas atitudes que temos para com os outros não resultam de uma justa avaliação mas de uma reacção impulsiva e instintiva. Esse tipo de reacção vem à luz com toda a clareza no preconceito racial, onde a antipatia é expressada simplesmente por um ser humano ter uma cor de pele diferente da nossa; sabemos que isso não tem justificação por a cor da pele nada ter que ver com o carácter e as qualidades, contudo alguns ainda sentirão aversão que poderá por vezes ser considerado como um temor herdade do estranho - um receio herdado que pode remontar aos tempos primitivos em que um estranho à tribo era naturalmente visto com suspeição ou medo.

Mas para voltar a Jung. Uma vez mais para simplificar as coisas, ele declarou que nós o mais das vezes registamos uma reacção dual aos demais e às situações. Isso

falando com respeito às situações civilizadas secções do mundo, em que a educação nos ensinou a procurar usar a razão. Nesse caso, a nossa mente poderá estar a empregar a razão enquanto os nossos instintos nos forçam na direcção contrária rumo a uma reacção aparentemente irracional que se ergue de memórias raciais e de outros factores ocultos. Nas áreas menos civilizadas da humanidade não nos cruzamos com tanto conflito interior por o ser primitivo não dispor do eu intelectual para se lhe opor; as reacções serão descomplicadas por qualquer processo de tentativa de análise ou de interpretação da parte da mente consciente. Ao avançar, a humanidade cria novos problemas para si própria e tem que superar muitas dificuldades conforme faz no desenvolvimento que obtém em qualquer sentido. Quando essas dificuldades ameaçam tornar-se opressivas ou insuportáveis para a mente do indivíduo, dá-se uma tentativa de reverter ao estado primitivo em que a razão não funciona. É uma tentativa de escapar do presente para o passado que é menos atraente, ou melhor, aparentemente menos atraente.

Jung continuou dizendo que lhe parecia que a evolução dos poderes da razão da humanidade ilustram o significado da história alegórica da Queda do Jardim do Éden. A mente primitiva não conhece diferença alguma entre o que designamos bom comportamento e mau comportamento, porquanto a criatura primitiva haveria simplesmente de reagir instintivamente a qualquer situação sem aplicar qualquer sentido moral que no seu estado evolutivo ela não possui. A criatura primitiva existe somente e não consumiu o fruto mitológico do conhecimento que a dotaria dos poderes da razão à custa dos méritos e deméritos do seu próprio comportamento e o dos outros.

Nesse sentido, ela é inocente. Com a evolução perde a sua inocência e tem que o compensar inventando códigos de comportamento. Com a formação de códigos de comportamento desenvolve um sentido de responsabilidade, só que esse sentido de responsabilidade pode tornar-se numa coisa desconfortável, pelo que ele procura passar o fardo da responsabilidade para alguém mais ou para algo mais. Tal tentativa de transferir a responsabilidade, essa tentativa de apontar um bode expiatório dá lugar a muitas lendas e fábulas, tais como a história de Adão e Eva e da Serpente. É interessante notar que, de acordo com essa fábula particular, foi a Humanidade quem deu o primeiro passo rumo à fundação de um código moral, e que deu o primeiro passo rumo à aquisição do conhecimento.

De facto, em vez de se tornar no bode expiatório coisa que aparentemente o irresponsável do Adão procurou fazer, ele admitiu que ela era o pioneiro da verdade, o peregrino no caminho para o autoconhecimento. Talvez ele se tenha sentido um tanto culpado por tentar passar a culpa das suas acções para ela e se tenha compelido a tentar reparar inventando ainda outro bode expiatório para ela: a mítica serpente, mais facilmente desculpável pelas suas acções com base no facto de não passar de mera criatura da terra e do solo, de que não se poderia esperar que aspirasse a qualquer estatura moral. Não resta dúvida de que tudo isto é

altamente alegórico, e os homens de ciência de hoje não se disporão a aceitar essa narrativa do Velho Testamento como facto histórico.

É fácil ligar o padrão repetitivo a uma tendência inata de passar a responsabilidade e a culpa aos outros. Por natureza procuramos justificar-nos, e por natureza, procuramos passar a culpa aos demais. E como bode expiatório seleccionamos deliberadamente ou inconscientemente uma vítima que pareça mais fraca do que nós de modo que não possa atirar com essa responsabilidade ou culpa de volta para nós. Apenas as pessoas que são abençoadas com um sentido de humildade assim como um sentido de justiça aceitarão a culpa quando creem ser culpadas.

Jung disse que os estudos que fez e as cogitações que elaborou os conduziram à conclusão de que toda a mente se acha ligada à Mente Superior, embora o indivíduo geralmente não tenha consciência desse elo. Essa Mente Superior é a Inteligência Suprema que poderemos designar por Deus.

Ela dirige as funções automáticas do corpo, e está constantemente a trabalhar para manter o corpo num estado de saúde, e esforça-se por contrariar os efeitos de um ambiente pouco saudável, curar as feridas e compensar por qualquer perda de faculdades. A mente civilizada da Humanidade, à medida que se desenvolve torna-se autónoma, e estabelece-se como autoridade distinta; caso essa autoridade se isole da Inteligência Suprema, ela actua de uma forma obstinada o que pode ser muito destrutivo para os outros e em última análise para si própria.

Eu perguntei o que Jung queria dizer com isso de a mente se estabelecer como autoridade separada, ao que ele em traços largos respondeu que isso envolvia uma autoridade competitiva produzida por si própria tal como a que pode ser exercida pelo intencional ou descuidado mau uso do corpo quer em resultado de uma indulgência deliberada e prejudicial de algum tipo ou como efeito de simples negligência. É como se o corpo possuísse um mecanismo qualquer de reparação dele próprio embutido, mas esse mecanismo não funcionasse correctamente caso sofresse a interferência de forças em discrepância com o seu programa.

Aqui, pareceu-me, Jung estava a referir-se mais ao corpo do que à mente, o que ele tinha mencionado em ligação com a autoridade. Apressadamente, ele explicou-me a teoria da interacção da mente e do corpo. É, assinalou ele, a mente quem determina o comportamento do corpo na maior parte das suas actividades, a mente consciente e a mente subconsciente combinadas que governam essas actividades. Isso poderá não se aplicar em casos de total desorientação mental, prosseguiu ele, e aplicar-se-á dentro de certos limites somente nos casos em que o corpo, por meio do dano ou deterioração não consegue responder aos impulsos que lhe são assinalados. Para o expressar de modo mais cabal, ele referiu a autoridade natural da Mente Superior no seu papel de agente de manutenção e

reparação, a natural autoridade que auxilia os medicamentos e as cirurgias na recuperação da saúde do paciente.

No passado, lembrou Jung, o corpo e a mente eram tratados como entidades separadas. Agora que estamos a perceber mais a fundo a ligação existente entre ambos, mais facilmente conseguimos reconhecer as causas de certas desordens e ter uma melhor hipótese de proceder a diagnósticos mais correctos o que é, evidentemente, chave num tratamento bem-sucedido.

Estes são comentários directos que podem ser entendidos por todos. Muitas das verdades que estão gradualmente a ser descobertas pelos avanços da ciência médica foram expressados em termos simbólicos através de certos ritos e cerimónias associadas à religião. O Livro do Êxodo ilustra a profunda necessidade sentida de escapar não só de uma situação geográfica, mas das tiranias do mundo temporal, da impiedade e das restrições das autoridades mundanas. A mesma necessidade que, talvez conduzam algumas almas aos mosteiros e aos conventos.

As batalhas descritas ao longo de todo o Velho Testamento podem ser lidas como lutas entre o poder do bem e o poder do mal. Isso encerra um paralelo com o conflito interior existente entre o nosso desejo de nos conformarmos com o melhor da natureza humana e o desejo contrário, comportar- nos de um modo que mina o melhor. O próprio Jesus habitualmente falava por parábolas, ciente de que a maioria dos seus ouvintes era incapaz de perceber o profundo significado espiritual das suas instruções; ele sabia que uma multidão de gente só podia confiar e viver pela fé cega sem uma verdadeira compreensão, caso que ainda se aplica a milhares ou possivelmente a milhões ainda hoje. De modo que as massas podiam de algum modo captar o sentido, por meio de símbolos, parábolas, e simples formulações da verdade precisavam ser representadas.

O serviço de comunhão encera um profundo sentido no simples facto de tomarmos o pão e o vinho sagrado. O mistério da comunhão e revelado como a necessidade que temos de nos identificar com uma natureza mais elevada, e de recordarmos que a carne e o sangue precisam ser espiritualizados, ou seja, elevados da esfera do carácter dos instintos animais para se tornar num veículo da natureza superior. Também indica àqueles que buscam tornar-se verdadeiros Cristãos, que precisam tornar-se um com Cristo, precisam permitir que o Seu espírito entre neles, e que precisam absorver essa corrente do Seu Ser (NT: Deturpação tolerável).

O Infinito, a Suprema Sabedoria, o Poder Absoluto, são-nos, num certo sentido, continuamente estendidos, mas só conseguimos servir-nos pela aceitação, pela partilha da sua substância, por uma efectiva absorção dos seus atributos. Por outras palavras, somos ignorantes, não porque não haja nada a saber mas porque por uma razão qualquer não podemos ou não conseguimos alcançar conhecimento. Encontramo-nos separados da Corrente da Vida da Força Criativa, não porque ela

não exista, mas por não nos identificarmos com ela. Para superarmos as estreitas limitações do nosso ego, temos que combinar a Grande Inteligência, e esse precisa ser o objectivo de todo verdadeiro místico, de todo sincero peregrino, e de todo dedicado buscador. Essa é uma doutrina que tem expressão em muitas religiões.

Jung disse que não excluía os cientistas, até mesmo os mais ateus entre eles, dessa alusão à Comunhão. Também eles estão em busca da Verdade, e tentam digerir os mistérios da Vida. O seu objectivo, se forem dignos da sua vocação, é a de alcançar uma vida mais abundante, incrementar o sustento da mente e expandir a nossa consciência.

Os processos externos do viver reflectem-se dentro de nós. Somos, cada um de nós, mundos dentro de nós próprios. Conhecer o nosso próprio mundo e construir uma relação construtiva com ele equivale a conhecer em miniatura o equilíbrio entre espírito e matéria. Procurar fundo na mente, além do ego pessoal, equivale a captar um vislumbre do Divino, perceber vagamente essa Natureza Superior de que todos somos parte. A dificuldade está na tentativa por reconciliar os nossos diminutos seres com um Ser tão vasto que em grade parte parece que o que podemos esperar fazer no nosso presente estado é tocar a fímbria. Só podemos permanecer no limiar, contudo desse limiar podemos ser abençoados com uma visão do interior incomensurável, do salão da sabedoria, do reino da infinita compreensão.

Duas coisas tornaram-se óbvias para Jung, segundo declarou; uma, foi a necessidade que a humanidade tem por encontrar um sentido por detrás da vida, e por inventar um sentido caso não consiga descobrir nenhum. Mas esse sentido, se de algum se tratar, reside sempre dentro de nós e não pode ser revelado pelas coisas exteriores. Se o sentido não puder estar relacionado a nós próprios será desprovido de significado. Repetidas vezes ao longo da sua vida ele interrogou-se, disse-mo ele, de qual seria o sentido de tudo. Possivelmente poderiam existir múltiplos sentidos ou nenhum, contudo o processo da individuação, o desenvolvimento da psique humana parecia-lhe ter um sentido.

Ele raciocinou, de forma bastante imaginativa, admite, que será impossível não ter qualquer objectivo, pelo que a força da evolução precisa dirigir-se para alguma realização. Uma força que busca alcançar um fim possui um poder determinante a motivá-la. A ideia da existência evidente de um poder determinante encorajou-lhe o sentimento de um propósito subjacente e de um princípio unificador. Isso, em termos mentais foi o mais próximo, pensou ele, que o pensador científico podia chegar no momento do reconhecimento de um poder de Deus.

Abençoados são os verdadeiros místicos do mundo, anunciou ele em tom de conclusão, por serem capazes de prescindir as intermináveis e laboriosas invenções da ciência e da psicologia e fundir-se com o intangível e omnipresente Eu de que nós somos fragmentos. Contudo, tanto a ciência como a psicologia

apontam na mesma direcção, rumo a uma percepção de um conceito completo de vida e do lugar do indivíduo nesse conceito.

Antes de terminar este capítulo, devo descrever como cheguei a conhecer a identidade de Jung. Em 1970 os Serviços de Difusão da Columbia (CBS) fez um filme sobre o meu trabalho sob a direcção de Jules Leventhal junto com David Dimbleby no papel de entrevistador. Entre as filmagens e por vezes entre uma pausa para o café ou para o almoço, Jules conversava comigo sobre muito tópicos que incluíam religião e psicologia.

Ele observou que eu exibia ideias muito semelhantes às de Jung em muitos aspectos e eu contei a Jules que me encontrava em contacto com um espírito que alegava ter sido um psicólogo num vida muito recente no nosso mundo, Por essa altura jamais tinha lido o que quer que fosse de Jung, mas quando Jules descobriu isso ao me interrogar da vez seguinte trouxe consigo um dos livros de Jung que trazia uma foto do autor. A fotografia mostrava um homem com o mesmo aspecto de "Joe." Reconheci-lhe as feições gentis, o mesmo brilho calmo de humor nos olhos, a mesma força delicada de carácter e senti-me segura de que não mais ninguém senão a mesma pessoa.

No contacto seguinte que tive com Joe, interroguei-o se era, de facto, um e o mesmo Jung. Ele admitiu que assim era, explicando que não achara necessário revelar-se a sua identidade terrena que disse "fora somente uma faceta do seu ser total."

Fiquei na dúvida quanto à razão porque ele decidira adoptar o apelido de "Joe," mas ele respondeu que um dos seus colegas na terra o tinha tratado certa vez por "Santo Joe" por causa da absorção que ele mostrava nos assuntos religiosos e as estranhas visões hipnagógicas que tinha. Ele deixara cair o apêndice "Santo," prosseguiu explicando, por não ser mais santo do que os outros.

Até o dia de hoje, dirijo-me a ele por, "Joe," o que parece encerrar uma enorme familiaridade da minha parte em relação a um homem a quem Liszt aclama com um dos maiores que já viveu no nosso mundo. Mas como fora a seu pedido que eu e dirigia assim a ele, espero que ele próprio não se sinta de modo algum excluído pelo que os outros possam dizer com respeito à abordagem que uso para com ele. Para mim ele é apenas um grande psicólogo, porém um grande místico cuja penetração em alguns dos mistérios da religião me deram uma profunda compreensão dessas questões.

Fico-lhe especialmente grata por me ter tornado aceitáveis alguns dos dogmas e rituais Cristãos que não só anteriormente permaneciam incompreensíveis como quase repulsivos, dado que a minha razão não conseguia compará-los com os princípios da justiça e do bom senso comum. Por intermédio da sua ajuda, sou agora capaz de discernir um significado profundo e oculto nos credos e cerimónias

do Cristianismo, e em vez de ver por um vidro escuro, posso ver face na face a gloriosa imagem da Divindade interpretada em termos e símbolos Cristãos.

Conforme Jung aduziu neste mesmo instante, só podemos medir Deus nos nossos termos e não nos termos Divinos, pelo que só conseguimos obter uma visão telescópica da grande e maravilhosa realidade. Mas dado que insistimos olhar através de muitos telescópios diferentes, estamos aptos a obter imagens diferentes e a ver o Omnipotente a partir de um estreito aspecto. Um dia, diz ele, perceberemos que estamos a olhar para a mesma Verdade Resplandecente que é irradiada para baixo na nossa direcção por muitos raios e pelas diversas densidades das "nuvens do desconhecimento." Ao crescermos na compreensão, aprenderemos a erguer-nos acima dessas nuvens do desconhecido e a contemplar a Verdade em todo o seu brilho claro e sem distorção pelas brumas da ignorância humana.

Este capítulo constitui um tributo pessoal ao "Joe," e um gesto de profunda gratidão que lhe estendo por me ter ajudado a compreender-me e aos demais de uma forma mais cabal; por me ter ajudado a restaurar a minha autoconfiança despedaçada quando outros me tinham rebaixado e denegrido, e por me ter trazido uma visão do Absoluto que me deu a chave para aquela liberdade da alma do seu pequeno eu que a capacita a entrar no Todo.

TOVEY FALA

É triste pensar que seja pouco provável que o público em geral conheça o nome de Sir Donald Francis Tovey; triste por ele ter sido não só um músico brilhantemente dotado mas também um excelente carácter de grande sensibilidade e sagacidade. Eu própria nunca o conheci neste mundo, mas tive o raro privilégio de o chegar a conhecer na 'forma desencarnada,' conforme ele põe a coisa.

Ele começou por se dar a conhecer a mim em 1966, embora eu suspeite que ele tenha andado a avaliar-me muito antes dessa altura e a planear utilizar os meus poderes psíquicos. O seu nome era-me desconhecido, e eu nada sabia acerca dele. Da primeira vez que apareceu, Sir George Trevelyan envolveu-se numa conversa privada comigo sobre os meus espíritos compositores músicos. Tendo-se anunciado simplesmente como 'Tovey,' ele pediu-me para dizer a Sir George que eu o conseguia ver, e para lhe descrever a aparência. Isso foi o que fiz, mas Sir George disse que não conhecia o aspecto de Tovey, e que precisaria verificar a descrição junto da Sra. Firth, que era uma das últimas alunas de Tovey.

Descobriu-se que a descrição era exactamente a aparência aue Tovey tinha tido. Ficamos satisfeitos por eu ter visto por via clarividente um espírito que se - por meio das suas comunicações verbais de que não era outro senão o Tovey que

alegava ser. Dado que Tovey é uma pessoa de grande verbosidade, e este livro tem que comportar menções a uma série de temas que outros, a par com os comunicados de Tovey, não é possível citar tudo quanto ele disse no 'telefone celeste' como ele lhe chama por brincadeira. Uma observação particular é de especial menção, já que pareceu ser factor decisivo para o Dr. Firth. Tal observação que me foi feita por Tovey e passada ao Dr. Firth foi a seguinte:

"A minha mente foi uma mente de explorador tanto pelo traço herdado como pelo diligente cultivo."

O Dr. Firth escreveu a dar-me conta de que isso tinha sido absolutamente verdade embora ninguém pudesse ter tido consciência disso. Para citar de uma carta enviada por a Sra. Firth, datada de 27 de Outubro de1973, "a questão estava em que a Sra. Weisse sempre dera a impressão de que as capacidades do Donald (de génio ou o que quiserem) abrangiam cada aspecto da sua natureza de músico, coisa que ela reconhecera desde tenra idade e treinara, e de que ele descendera de uma família que era inteiramente desprovida de conhecimento de música, pelo que até sentia indiferença."

Preciso explicar que a Sra. Weiss não tinha sido somente professora de Tovey, mas tinha-se tornado algo mãe adoptiva dele.

A carta da Sra. Firth prossegue explicando que as pesquisas que o marido fizera no plano da vida de Tovey descobrira a informação de que a família da mãe de Donald era vasta e brilhante em dotes intelectuais, e que todas as irmãs falavam diversos idiomas, tinham sido entusiastas em relação à natureza, astronomia, e que cultivavam a literatura e a filosofia; alguns livros escritos, um que se tornara num bardo Galês - etc. O pai de Donald não só foi um pároco trabalhador, mas uma autoridade no poeta Thomas Gray, sobre o qual ele escreveu um livro; uma classicista, e não só aprendeu Grego e Latim, mas foi um explorador de Shakespeare para a Eton - etc.

O Dr. Firth descobriu igualmente que os dias comuns na Reitoria eram passados com Pai a treinar os estudantes na escrita dos seus próprios trabalhos, e a Mãe na sala de estar a ler e a conversar em Francês, Alemão e Italiano com um ou outro (ou a jogar xadrez); e todas as cartas dirigidas ao seu Querido Don falam dos seus jogos, das suas composições, e cada anotação diária do seu diário indica o jogo que ele fazia após a refeição da tarde quando se encontrava em casa. O seu pai jamais perdeu um concerto em que ele tocasse, e escutava-o todas as noites se ambos estivessem juntos - e de longo o melhor poema que ele escreveu num pequeno livro de poesia publicado foi "D.F.T."

A Sra. Firth concluiu dizendo: "O que era importante fora que ambos os pais se sentiam incrivelmente orgulhosos de tudo quanto ele fazia na música - longe de

estar desinteressados, e que o vasto conhecimento que Donald tinha de línguas, literatura, filosofias, etc., etc., tinha vindo da família dos pais tanto quanto a qualidade da sua mente - o seu sentido de humor e bondade." Acrescentou que a maioria do que ela me escrevera é revelado nas cartas e jornais da família, e que eles só tinham chegado à casa (dos Firth) durante o ano anterior. As minhas comunicações do Tovey vieram a mim muito antes dessas cartas e jornais passarem a estar ao dispor dos Firths, depois de terem estado trancadas e inacessíveis na Universidade. A carta da Sra. Firth é datada de 27 de Outubro de 1973.

Como um detalhe interessante vou descrever uma tangente aqui e relatar um incidente de cura confirmado na mesma carta da Sra. Firth. Em Maio de 1968 fiz uma visita aos Firths na sua casa de Edimburgh. A Sra Firth pediu-me se eu aplicava alguma cura ao marido enquanto lá estive e descobri que a oração tinha evidentemente atraído a atenção do Sir George Scott-Robertson, um parente ",falecido" meu que fora um cirurgião do exército nesta vida, e que frequentemente dá uma ajuda quando estou a curar.

O Sr. George declarou que o Dr. Firth tinha um enorme tumor por trás do pescoço, e que desejava que eu o tratasse sob a sua direcção. Eu informei o Dr. Firth disso e ele disse que iria tirar o casaco para poder ver onde se situava esse tumor - e certamente que o tumor surgiu onde Sir George tinha indicado, na base da nuca precisamente. Não podia ser vista enquanto o Dr. Firth estava a usar o seu casaco. Ponto nº 1: eu não podia ter noção da existência do tumor já que se encontrava imperceptível com o casaco posto.

Mas o Sr. George então instrui-me para eu unir as minhas mãos em forma de concha sobre o tumor, com as palmas voltadas para ele. O tumor começou a diminuir de tamanho perante os nossos próprios olhos. Então, Sir George disse-me que lhe bastava manter um contacto contínuo e continuar o tratamento sem precisar que eu lhe impusesse mais as mãos sobre o tumor. A carta da Sra. Firth de 27 de Outubro de 1973 confirma que o tumor tinha lá estado há uma data de anos antes do meu tratamento, e que imediatamente após o tratamento, pareceu que tinha sido aplicado um calor, E NO ESPAÇO DE HORAS O TUMOR DESVANECEU-SE! Cinco anos mais tarde, ainda não havia sinal da sua presença, o que demonstrou que tal cura não foi uma mero fogo-de-vista.

Agora que cobri o conteúdo da carta da Sra. Firth, voltemos a alguns dos outros comunicados da parte de Tovey. Ele parece ter o dom de se fazer ouvir com clareza, o que não se aplica a todos os espíritos. Por uma razão qualquer, torna-se difícil senão mesmo impossível que alguns dos que partiram comuniquem; talvez não o desejem, ou não tenham nada em particular a dizer - à semelhança de muitos neste mundo. A minha própria experiência em comunicação do espírito mostrou-me que por regra os extrovertidos conseguem transpor melhor, que os mais

reticentes conseguem-no com determinação. Existe obviamente um grande número de condições que influenciam a comunicação já que varia tanta na clareza e por vezes quase se afigura imperceptível, e outras tão claro quanto cristal. Os mesmos problemas do contacto telefónico podem dar-se com estas comunicações: a conversa pode ser abafada, pode verificar-se uma comunicação pobre, e podem dar-se todo o tipo de interferências com o cruzamento de linhas. Além disso, os próprios comunicadores, à semelhança das pessoas ao telefone, podem não possuir uma dicção muito clara. Daí poderem surgir erros de transmissão e uma palavra ou uma série delas poder tomadas por engano por alguma outra coisa. Tovey provavelmente obteve êxito em fazer-me passar a substância da sua conversa com notável exactidão, a despeito do facto de usar um tipo de discurso a que não estou acostumada — 'elevado,' como a minha mãe lhe teria chamado.

A 29 de Fevereiro de 1968, após a discussão do meu trabalho no Colégio de Pesquisa Psíquica que teve lugar nesse mês. Evidentemente Tovey decidiu explicar os objectivos das minhas actividades musicais com base nesse ponto de vista e no dos colegas. Eis o que ele disse:

"É tempo de se emitir uma declaração por parte da corporação incorpórea para a edificação daqueles que se interessem pela implementação de processos musicais por parte de um certo indivíduo. Isso, pois, representa a nossa primeira tentativa de ditar um relato da origem e propósito do esquema. A maior parte da descrição deste meu trabalho, Tovey, que é conhecido no "Outro Mundo" como "Tacitus." Não analisem de forma demasiado estreita as frases que se seguem: muita vez uma forma de resumo é usada em vista das limitações de tempo.

"Podereis interrogar-vos da razão porque me associo aos chamados fenómenos com os quais estais a ficar mais estreitamente ligados; e vocês sabem que eu não perderia tempo num sentido que não considero amplamente meritório.

"Foram feitas tentativas desde tempos imemoriais por comunicar com o vosso mundo, tentativas que frequentemente descambaram no fracasso ou na rejeição; quando muito, o êxito resultou mal amadurecido e não foi considerado digno de assimilação por parte daqueles que se julgam sagazes. Mesmo esse sucesso mal amadurecido foi condenado a ser explorado pelo Homem para os seus próprios fins, em muitos casos.

"Profetas e homens santos, e sábios pensaram ao longo dos séculos conduzir a humanidade a uma sincronização com elevados níveis de consciência, mas hão de concordar que pouco sucesso se conseguiu nesse sentido. Que mais poderá ser feito? Necessitamos de novas abordagens, abrir novos caminhos e a presentar as Leis Cósmicas a esta nova luz. O nosso motivo precisa ser suficientemente vasto para incluir a humanidade toda e potente o suficiente para aguentar as influências perturbadoras dos credos inflexíveis.

"A música é a linguagem de todos os povos, linguagem que pode brotar do íntimo e chegar ao íntimo sem a necessidade de uma única palavra. Com isso em mente, planeamos utilizar a música num esforço por estabelecer a comunicação. Por meio da tentativa e do erro, pelos experimentos e pela experiência. Estamos a descobrir muitas das armadilhas das ligações nos dois sentidos com a Terra."

Este comunicado foi projectado primordialmente para os Firth, que na altura estavam ambos a cultivar um vivo interesse pela música que eu estava a receber da parte dos compositores que tinham partido. Aparentemente Tovey tinha introduzido um ponto de evidência em parte oculto nessa efusão, quando disse que é conhecido por "Tacitus" no outro mundo. O Dr. Firth informou-me mais tarde que Tovey tinha estudado Tácito na Universidade; a referência ao nome, reflecti eu, podia ter sido uma forma indirecta de revelar que ele se recordava dos estudos que fizera.

Ocasionalmente, Tovey comunicará por epigramas ou de forma muito concisa. Enquanto a discussão ganhava ritmo no Colégio da Ciência Psíquica, ele parecia notar tudo quanto estava a ter lugar. Subitamente fez-me o reparo de que: "O Génio é o canal mais eficaz para a Fonte Criativa," e quando eu passei esse comentário a Sir George Trevelyan ali mesmo, ficamos chocados pela originalidade e a interpretação que fizera da natureza do génio. Na altura, a discussão tinha-se voltado para a questão do génio, o que atrair a inteligente análise da parte de Tovey.

Alguns sagazes - ou falta de inteligência poderá ser mais apropriado - ao ouvir que eu acreditava estar em contacto com compositores do passado que me transmitiam nova música, sugeriram que Tovey estava por base de tudo aquilo, e que estava a perpetrar uma enorme pilhéria às nossas custas. Isso motivou a seguinte resposta da parte de Tovey, a 5 de Junho de 1968:

“Longe de mim induzi-los em erro, por mais belo que esse erro seja. Também nós temos os nossos ‘imitadores’ nos níveis mais baixos, mas podem ter a certeza de que eu fecharei energicamente a porta a tais intrusos. Quando estive na Terra, consegui prontamente identificar os imitadores musicais e sociais, ou por isso me congratulei a mim próprio, e por vezes divertia-me com as suas artimanhas inúteis! Aqui é até mais fácil detectar esses tipos e lidar com eles de acordo com os seus méritos.

“O nosso canal terreno,” referindo-se a mim, “está constantemente de guarda em relação ao embuste e ao auto-engano da imposição e interferência de influências ilusórias (embora não necessariamente destrutivas).”

Tovey prosseguiu dirigindo-se directamente ao Dr. Firth: “Agora, caro senhor, como poderemos expressar melhor o nosso apreço pela sua confiança e

assistência? Podemos fazê-lo mais verdadeiramente respondendo com uma concentração do nosso contacto e comunicação. O discurso é limitativo; há ideias que desejamos comunicar que são difíceis de enunciar por palavras. Classificamos por categorias desde as almas imaturas às mais desenvolvidas que se acham consciente e constantemente na presença de Deus. Desde as alturas a Luz irradia para baixo, e penetra nas almas receptivas ao seu Poder; essa Luz é uma força de energia, uma essência de vida, que é bastante real e factual. Necessitamos de energia para comunicar convosco; precisamos potenciá-la e dirigi-la; precisam aprender a recebê-la sem distorções ou oscilações. A mente humana é tal que interpreta todas as coisas de acordo com o próprio alcance de compreensão que possui."

Posteriormente em Junho, Tovey falou longamente sobre a perspectiva que o Outro Mundo tem do nosso. Eis aqui um extracto:

"A Humanidade no seu todo foi isolada da Divindade em resultado da sua insensatez e egoísmo; mas chegou uma altura em que não mais é prudente deixar a Humanidade entregue às suas caóticas ideias e violento estado emotivo; já teve como que suficiente corda para se enforcar, e quase se saiu bem-sucedida a fazê-lo. É tempo de pôr fim a isso e de ajudar a humanidade a reorientar a perspectiva que tem antes que se perca para sempre. Isso, direis vós, é mau prenúncio, mas nós não falamos em vão. Há uma crescente preocupação aqui com respeito ao presente estado do vosso mundo, que nos parece a nós estar a tornar-se menos civilizado. Seria fácil para nós voltarmos as nossas costas e deixar a Humanidade entregue aos seus próprios fins, mas são tantos os inocentes que sofrem e tantos os que clamam por auxílio que precisaríamos ser efectivamente surdos para não ouvir.

"Um dos maiores pecados existentes na Terra é a prática da apatia (laissez-faire); o outro extremo é o carácter oficioso (importuno) exagerado que augura interferência nos direitos do indivíduo. É verdade que o indivíduo não pode ser encorajado em detrimento das massas; porém, afundar a individualidade no atoleiro de consciência de rebanho (que talvez devesse referir como inconsciência) representará o começo do fim. Aqueles que se satisfazem na repressão do indivíduo estão por vezes a tatear no escuro rumo a uma consciência de classe comunal em que todos se tornem um por virtude da sua unificação com o Grande Factor Comum - eu volto de novo aos sistemas matemáticos, que sempre achei fascinantes, e muita vez à mais lógica demonstração da Vida Eterna."

Tovey disse-me certo dia que gostaria de escrever um livro e de mo ditar caso isso fosse possível. Foi uma ideia fascinante, mas uma ideia que até agora não foi possível realizar devido às múltiplas exigências que me são impostas ao tempo para o voltar noutras direcções. Há tanto a fazer — tratar da vida da casa, atender à correspondência, anotação das novas músicas transmitidas pelos "falecidos" compositores, ter que dar entrevistas e rádio e filmes, tentar cobrir as

intermináveis exigências que me são impostas. Raramente tenho tempo para tocar piano, embora precise desesperadamente para as ocasionais demonstrações públicas que são requeridas. Não creio que alguém me invejasse o fado que tenho se percebesse as longas e fastidiosas horas de trabalho árduo que envolvem, a par com os contínuos golpes que os céticos me dão, que podem chegar a ser muito hostis.

Tenho muito material proveniente do Tovey que podia ser usado num livro quando e caso o tempo mo permitisse. Ele deu-me um prefácio a 13 de Março de 1969, com a intenção de prefaciar o seu livro que disse iria versar sobre o tema da Imortalidade. Eis aqui o prefácio, a anunciar as suas intenções.

"Lê isto, e tu ficarás mais esclarecida. Poderás já estar a par d maioria do que é avançado nestas páginas, mas garanto que até mesmo a pessoa mais bem informada colherá daqui umas quantas ideias, senão mesmo factos. Pelo menos será, caso as minhas intenções sejam cumpridas, um livro que prenderá a atenção até mesmo do mais insensível e superficial leitor. Adoçá-lo-ei com belas ideias, e condimentá-lo-ei com humor, avivá-lo-ei com drama, e, mas não menos importante, ornamentá-lo-ei com tal erudição como a que reuni ao longo do meu tempo.

"Cheguei a decidir-me escrever este livro, como em muitas das minhas decisões, lentamente, de forma ponderada, contudo com tal crescente certeza que precisa ser criado para minha satisfação caso devesse sê-lo de todo. Nunca fui de meias-medidas, nem tampouco o sou agora que me encontro num mundo imaterial. Se me mostro por vezes contundente, isso deve-se ao desejo que tenho de ser claro no que afirmo para que não joguem com o sentido das minhas palavras; ao mesmo tempo, não tenho o menor desejo de ofender nenhum sector do público.

Se a ofensa se apresentar será acidental e far-se-á acompanhar das minhas profundas desculpas por não ter tido o bom senso nem a elegância de expor as minhas experiências num contexto mais agradável. Isso soa como sarilhos antecipados, e suspeito que possa dar causa para isso naquilo que se segue. Espero não causar sarilhos, mas a longa e por vezes dolorosa experiência ensinou-me que numa população densa de diversos tipos de gente sempre espreitam os inevitáveis arruaceiros, picuinhas atribuidores de culpa, os cáusticos críticos e os tortuosos e trapaceiros que distorcem as palavras. A essa diversidade de agitadores só posso apresentar as minhas condolências por serem as vítimas desafortunadas de algum tipo de sentido interior deformado que os compele a tais práticas destrutivas.

"A todos os outros que dedicarem ao meu livro um exame atento, ou leitura, poerão sobrevir algumas revelações brilhantes que os deixe alegres pelo resto das suas vidas terrenas, e os ajude a conduzir-se com a serenidade ao passarem pela experiência da morte física para a imortalidade."

O anúncio de Tovey de que pretendia escrever um livro sobre a Imortalidade também pode ter sido a sua maneira de dar mais provas sobre a sua identidade. Porque quando escrevi ao Dr. Firth e lhe contei desse desenvolvimento, ele escreveu-me de volta a dizer que lhe parecia que Tovey estava e recordar os seus dias da Universidade em que escreveu a tese sobre a "Imortalidade." Descobri que Tovey não falara muitas vezes dele próprio, mas dos seus muitos e variados interesses, e por vezes sobre música.

Ele era por vezes bem-humorado de modo que eu achava a sua presença não só revigorante por causa da mente culta, fina divertida e animada. O humor de Tovey jamais tomou a forma de se pôr às risadas de um modo indelicado às curtas de alguém, embora ele mostrasse que podia ver muito de cómico na natureza humana. Um dia, após eu ter sido emboscada por uma senhora que parecia acreditar que só ela tinha acesso à sabedoria celeste, Tovey veio-me consolar pelo ataque pessoal que ela me fizera em ligação com o meu trabalho.

"Pobre Sra. X," disse ele," ela anda por aí a trotar qual gelado, e à semelhança do gelado, derrete-se toda."

Certa vez eu trabalhara com Tovey durante cerca de três horas, concentrando-me intensamente à medida que ele falava num esforço por o ouvir de forma distinta e anotar correctamente aquilo que dizia no papel. Não é processo fácil, muita vez assemelhando-se ao esforço que fazemos frequentemente por captar a conversa de alguém num mau telefonema. Tovey disse que eu estava cansada, e decidiu dar-me uma folga.

"Repousa um pouco," disse ele, "que eu vou-me retirar para apanhar uns botões frescos de sabedoria dos Campos Elísios."

As suas palavras conjuraram uma visão na minha mente da ampla forma de Tovey a tropeçar levemente por alguma pradaria celeste à medida que arrancava flores de um modo descuidado — o que era, porventura, a própria visão que ele pretendia criar para me aliviar do peso da exaustão cerebral. Em Setembro de 1968 ele ditou uma pequena homilia sobre o caminho para a verdade que à primeira vista poderá parecer surpreendente por causa da referência que faz à importância daquilo a que ele chama "mente intuitiva."

Eis aqui um resumo:

"O mundo no presente dificilmente consegue ver Deus nos 'ismos' e 'ologias.' Até que o Criador seja antes de mais colocado antes das ideias a humanidade irá continuar a viver na confusão e no caos. O homem pensa que consegue objectivar a Verdade — a Eterna Verdade — com o seu cérebro; não é assim, conforme rapidamente descobrimos ao entrarmos na Vida depois a Morte. O cérebro do homem, quando sabiamente empregue, é capaz de realizar muitas tarefas nobres e

muito úteis, mas é somente através dos seus poderes mentais superiores, da mente intuitiva do aspecto Divino que ele conseguirá alcançar a Verdade Eterna. Isto é um facto claro, e não uma afirmação sem sentido inadequada à aplicação da vida do dia-a-dia.

"É razoavelmente claro que, tivesse sido o cérebro do homem o instrumento que poderia conduzi-lo à Verdade, e ele tê-la-ia alcançado há muito tempo; por o Homem ter buscado ao longo dos séculos - não, ao longo de milhares de anos obter acesso à Verdade. O seu cérebro ajudou-o a compreender muitas das leis que governam os planos físico e material, e deu-lhe uma certa percepção da psicologia do indivíduo, mas em parte alguma ao longo da evolução ter-lhe-á ele trazido muita luz de modo a influenciá-lo quanto à natureza e função de Deus, ou revelou muito com respeito à alma ou à parte imortal do Homem.

"Poderá ser deduzido que o cérebro não se acha construído de tal modo que seja capaz, por si só, de penetrar os planos interiores menos tangíveis. Contudo o Homem, no seu orgulho e intelecto, por vezes acredita que a iluminação só possa chegar por meio da expansão do seu intelecto.

"Bom, eu conduzi-los-ia num caminho diferente que os conduz aos níveis de consciência que, embora igualmente ligados ao intelecto em muitos casos, transcendem de longe os poderes de percepção do cérebro físico. A fim de evitar confusão, referimo-nos ao intelecto do corpo como o cérebro, e à superior faculdade mental como mente. O cérebro perece junto com o corpo físico, mas nós demonstramos os nossos contínuos poderes do pensamento e da imaginação e da memória após termos desocupado os nossos corpos físicos. Isso mostra que o Homem imortal funciona independentemente do cérebro físico, e que ele possui órgãos etéreos imperecíveis e que continua a operar depois da morte física. É reconfortante saber que podemos continuar a expandir-nos em consciência após termos deixado o plano terreno, e que estendemos o nosso desenvolvimento além dos limites que ele tiver alcançado durante a nossa vida terrena.

"Assim como com todos os órgãos ou faculdades, a negligência da superior faculdade da mente ou intuição, chamem-lhe o que quiserem, produz um estado de atrofia. A Humanidade no seu todo negligenciou ou ignorou durante tanto tempo essa faculdade que ela caiu num flagrante desuso; de facto, o mais das vezes ele nem sequer tem consciência da sua existência, e pode até mesmo tenazmente negá-la.

"Parte da tarefa do nosso reino celestial consiste em promover uma consciência dessa faculdade e sustentar a sua ressurreição. Transmitir o conhecimento que pode instruir o Homem a usar essa faculdade adormecida revela-se tarefa prolongada e delicada; precisamos fornecer exemplos do funcionamento dessa faculdade para lhes dar um vislumbre das magníficas realizações que se colocam

pela frente neste campo para quantos se devotem ao cultivo dos poderes mentais superiores, Nós estamos a esforçar-nos por usar tantos canais a fim de indicar o âmbito desses poderes, e por dar aos psicólogos uma abertura para a investigação das suas funções. Os nossos empenhos muita vez têm que ser sustentados em face da descrença cega: cega de facto, por não haver cego mais cego que aquele que não quer ver. Esforçamo-nos por eliminar erros e mal-entendidos na transmissão, o que é por vezes causado por factores no nosso nível e outras vezes por condições que rodeiam o vosso mundo ou os canais que selecionamos. Até que um aparelho eficaz seja inventado e construído no vosso mundo capaz de receber transmissões da nossa parte, precisamos depender nos canais humanos com toda a variação que apresentam."

ROSTOS CONHECIDOS

Em qualquer relato de comunicações de psíquicos como eu com o mundo do espírito, os nomes de personalidades conhecidas sempre ocorrem. Os céticos sempre aproveitam isso com alegria. "Como será que ela só chega a conhecer os espíritos dos famosos?" indagam em voz alta, com se eu ou outros médiuns andássemos nalgum tipo de corrida às celebridades.

A verdade da questão está no facto de que eu regularmente encontro espíritos de pessoas que me foram inteiramente desconhecidas na vida, excepto para os seus amigos e familiares. Mas eu tenho tanto interesso em me comunicar com eles e em passar as mensagens aos amados, quanto tenho em conversar com algum compositor ou escritor famoso. Contudo, tenho o privilégio de receber visitas de pessoas bem conhecidas, por cujas observações e mensagens um vasto segmento da população se interessará. Por vezes tenho que admitir que fico surpreendida com quem efectivamente me visita e com a quantidade dos que o fazem. Há alturas em que se congrega virtualmente uma multidão de gente famosa todos a tentar passar-me uma mensagem — quer para eu transmitir a outras pessoas, ou apenas mensagens de carácter geral para todos nós. Eu tento quanto posso dar-lhes atenção a todos. Alguns, como George Bernard Shaw e Bertrand Russel eram capazes de falar durante o dia todo se eu os deixasse.

Por eu ter trabalhado quase em exclusive com compositores no passado, fiquei muito surpreendida quando John Lennon me veio ver, relativamente recentemente, na Primavera de 85, e me passou a visitar com regularidade depois disso. Inicialmente interroguei-me da razão porque me terá contactado — eu tinha tido noção da existência dos Beatles, é claro, mas não posso dizer que tenha sido uma fã. Com dois filhos para criar, eu estava demasiado ocupada para seguir as carreiras de um grupo pop. Não obstante, isso não pareceu ofender John. Hoje em

dia anseio pelas visitas dele, e aprecio a conversa caraterística de Liverpool dele. Acredito que ele me visita por ele ter sabido que eu estava a escrever um outro livro e aproveitou essa oportunidade de trazer as suas ideias mais recentes e trabalhos a público através de mim.

Ele é mais alto do que eu alguma vez o imaginara na sua vida. Pareço vê-lo como ele era na altura do auge da carreira dos Beatles - ele parece situar-se na casa do final dos vinte ou assim, bem barbeado e de rosto limpo, sem usar óculos. Sinto que emana uma enorme vitalidade e entusiasmo. Fala baixo e bate os dedos juntos mas não os polegares. A sua voz ainda tem o acento marcado de Liverpool, e quando certa vez comentei isso surpreendida, ele disse: “Ah, isso faz parte de mim.” Liverpool marcou profundamente o carácter do John, e ele ainda não perdeu essas características.

Fico com a impressão de que por trás da imagem de extrovertido se acha um carácter profundamente pensativo, um verdadeiro místico, embora ele por vezes ele se descreva como um “tipo comum.” Ele diz que se tivesse nascido num ambiente diferente poderia ter-se tornado num tipo qualquer de filósofo, embora não creia que se tivesse tornado religioso no sentido ortodoxo. Fala frequentemente no Maharishi. Conhecê-lo, John diz, deu-lhe um vislumbre do verdadeiro sentido da vida, embora ele ainda se sinta bastante perplexo com os enigmas da vida e a trapalhada da mistura de valores e crenças. “Leva-nos muito tempo a decifrar tudo e muito poucos dos que eu conheci chegam a resolver o mistério da vida,” disse-me ele certa vez. “Eu sempre pensei que não estávamos a conhecer ou a compreender tudo durante a nossa vida na terra. O problema é que a maior parte das pessoas possuem uma mente cerrada.”

John disse-me que tinha vontade de passar uma mensagem ao mundo, uma mensagem de esperança e de tranquilização de que existe uma paz derradeira, justiça, uma correcção de todos os erros e uma cura de todos os males.

“Ironicamente,” diz ele, “os jovens deviam estar mais prontos a dar-me ouvidos a mim do que a um líder religioso. Mas aquilo que tenho a dizer é mais ou menos o que qualquer líder religioso diria: que o amor é o único caminho, e que a via alternativa ao amor é a destruição, a auto destruição e a destruição do mundo.”

John vem até mim como uma pessoa bastante reservada mas muito carinhosa. Ele diz que nunca se sentiu verdadeiramente satisfeito quando foi um dos Beatles, embora tenha alcançado grande sucesso. Ele sempre achou que havia algo mais na vida, e estava constantemente à procura, a tentar descobrir o que era. Procurou olhar em todas as direcções e esteve sempre à procura justamente até ao dia em que morreu, Desde que passou, foi capaz de conhecer e de falar com pessoas que pensava de acordo com ele, e que sempre estiveram à procura. Agora conseguiu

esclarecer uma data de coisas na sua mente e sente-se mais contente à medida que o tempo passa.

A vida externa de John nem sempre correspondeu à relativamente desenvolvida vida interior que tinha, de modo que teve que enfrentar uma série de conflitos no seu íntimo. Ele sente que isso se reflectiu nas relações que teve com os outros. Disse — e isso foi obviamente em relação aos Beatles — que os quatro eram muito individualistas. Funcionavam bem musicalmente, mas tinham quatro formas de pensar distintas. Disse que os quatro conversavam até altas horas da madrugada, mas que o George era o mais sossegado e não falava tanto quanto os outros. Contudo, quanto falava, era muita vez o mais profundo, contundente e que ia directo à questão.

Aquilo que mais surpreendeu John foi que do outro lado existe um contínuo processo de aprendizagem e de evolução. Ele disse-me que "a pós-vida é uma continuidade desta vida. Prosseguimos a partir da altura em que o tivermos deixado. Não mudamos de súbito nem sabemos tudo." Inicialmente achou isso intrigante, mas agora sente-se satisfeito por ainda haver novos sentidos em que pode desenvolver-se. John disse-me que por vezes desejara poder recapitular algumas das experiências por que passou, e até mesmo alterar algumas das coisas que fizera. Para utilizar as palavras dele, ele disse que houve algumas coisas que, olhando em retrospecto, foram completamente estúpidas de fazer. Mas quando se é novo e se tenta enfrentar a vida, comete-se tolices.

Durante uma das visitas o John disse-me que viera especificamente para me pedir para transmitir aos jovens para não se imiscuírem nas drogas. Ele consegue perceber o problema que constituem, e o mal que podem fazer. A certa altura pensara que eram inofensivas, e até mesmo que acalmavam as pessoas, mas agora percebe que são o fio da navalha e pensa que o melhor é não tocar em nenhuma droga. John espera que aquilo que tem a dizer sobre a questão pode parecer não ter fundamento aos jovens. Pelo menos eles sabem que ele passou por isso, faz parte do cenário das drogas, e que pode olhar para trás e dizer: "Meter-me com as drogas foi um grande erro. Elas levam-nos muito facilmente a um ponto sem retorno, em que ninguém nos poderá ajudar, nem nós próprios."

Por vezes quando John aparece ele fá-lo num frenesim, como se tivesse acabado de pensar em algo que queira passar-me antes de esquecer. Enquanto corro à procura de papel e caneta, ele fala sem parar. Mas não podemos dizer aos espíritos que estamos ocupados, e para voltarem mais tarde. Pode ter-lhes custado imenso esforço a chegarem a nós, mas nem sempre nos encontra preparados. É por isso que algumas das coisas que o John me disse, não consigo recordar pelas palavras exactas e precisei parafrasear de memória.

Olhando para o nosso mundo actual John pensa que as pessoas do Ocidente vivem num estilo de vida de alta pressão. A vida tonou-se demasiado artificial para muitas pessoas e que as nossas vidas se acham demasiado voltadas para as máquinas. As pessoas perderam contacto com as suas raízes, diz ele. Ele acha que seriam muito mais felizes, tranquilas e saudáveis se e algum modo se voltassem a ligar às suas raízes. Ele acha que todos precisam encontrar algum tipo de filosofia, algo que tenha uma influência estável nas pessoas.

Por vezes muda de assunto abruptamente, creio que para me dar uma folga por tentar desesperadamente anotar tudo conforme mo diz. E, para ser franca, alguns desses pensamentos são bastante pesados. Lembro-me de uma coisa que me disse que me fez rir alto, embora ele mo dissesse com toda a seriedade. Ainda assim depois conseguiu rir, ao perceber que os outros poderiam achá-lo divertido. Disse que sempre se imaginara um cavalheiro, se bem que não dos de título. Não estava a ser esnobe, disse; só achara que podia alcançar um tipo de dignidade depois de passar por alguns períodos difíceis da sua vida.

Certa vez. Quando eu conversava com ele, pensou na forma como tinha sido morto. Quando estava a falar na forma como morrera, eu comecei a captar certas sensações físicas e senti como se tivesse sido golpeada no pescoço. John diz que se lembra de ter caído, e depois disso tudo aconteceu tão rápido que ele nem mesmo percebeu que estava a morrer. Ele disse-me categoricamente que não sente qualquer malícia em relação ao assassino, Mark Chapman, embora saiba que é doido. Os sentimentos que tem em relação à sua morte centram-se principalmente ao redor do enorme pesar que sentiu pelo sofrimento que ela causou a muita gente, em particular à Yoko e ao Sean. Ele acha que, embora a sua mulher tivesse uma enorme resistência interior, ela ficou particularmente vulnerável depois da sua morte Ele ainda se sente preocupado com ela, quase paternalmente.

Ele passou tão rápido que depois sentiu como se muitas coisas tivessem sido deixadas por resolver. Inicialmente sentiu-se bastante perdido do outro lado. Sentia que pertencia primordialmente ao nosso mundo, onde tinha sido um grande cúmplice em novas experiências. Sentiu-se isolado e arrancado desta vida mas logo percebeu que ainda conseguia observar os acontecimentos neste mundo, mesmo que não pudesse mais tomar parte.

Ele muita vez diz-me que lamenta ter quebrado o coração de diversas pessoas nesta vida. “Mas quando temos as nossas próprias emoções a arrastar-nos de um lado para o outro, nem sempre é fácil encontrar uma solução que não venha a magoar alguém. Ficamos demasiado tensos com as pressões e as viagens e acabamos comportando-nos de forma que não corresponde àquilo que verdadeiramente somos.”

O John descreve-se a mim constantemente como “uma pessoa comum.” A despeito de toda a adulação de que fora alvo, ele nunca sentir que fosse assim tão especial. Sempre achou estranho a forma como as pessoas achavam que os Beatles eram um grupo tremendo, por ele acreditar que montes de outros grupos, dadas as mesmas hipóteses que eles tiveram, teriam sido igualmente bem-sucedidos.

Por veze sente-se culpado pela forma como o grupo manipulou as audiências, e uma vez falou durante dez minutos sobre a forma como as pessoas se permitiam manipular nos dias de hoje, pelos líderes políticos, religiosos, e até mesmo pelos media. “A vida tem que ver com pensarmos pela nossa cabeça,” disse, “ a definirmos o nosso próprio destino. Aquilo que hoje fazemos virá a influenciar-nos — tão breve quanto amanhã. Vós estais a construir para o future, e para quando chegar a altura de passarem para a outra vida. Muitas pessoas, ao chegarem aqui, sente pesar por terem criado para elas próprias um futuro horrível e precisam passar por isso para poderem passar para coisas melhores.

O John diz que uma das grandes alergias do outro lado é poderem ouvir as pessoas enquanto elas se aliviam junto dele. Ele espera que as pessoas deste lado dêem ouvidos às suas palavras e não pensem que diz tolices. Por vezes trás outros com ele quando me visita, mas nunca os vi de forma distinta o suficiente para os poder identificar, embora possa dizer que eram chegados ao John em espírito. Pediu-me para remeter o seu amor a Cynthia, a sua primeira mulher. Ele armou uma confusão desse casamento. “Por vezes não só perdia o coração como perdia a cabeça. Diz-lhe que sinto muito e transmite-lhe o meu amor. Eu ainda a amo.”